

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser textual, com indicação de fonte conforme abaixo.

DIAS, Mário Ulysses Viana. *Mário Viana Dias (depoimento, 1977)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 2010. 70p.

MÁRIO VIANA DIAS
(depoimento, 1977)

Ficha Técnica

tipo de entrevista: temática

entrevistador(es): Carla Costa; Maria Clara Mariani; Tjerk Franken

levantamento de dados: Patrícia Campos de Sousa

pesquisa e elaboração do roteiro: Equipe

sumário: Equipe

técnico de gravação: Clodomir Oliveira Gomes

local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil

data: 30/05/1977 a 14/06/1977

duração: 3h 40min

fitas cassete: 03

páginas: 70

Entrevista realizada no contexto do projeto "História da ciência no Brasil", desenvolvido entre 1975 e 1978 e coordenado por Simon Schwartzman. O projeto resultou em 77 entrevistas com cientistas brasileiros de várias gerações, sobre sua vida profissional, a natureza da atividade científica, o ambiente científico e cultural no país e a importância e as dificuldades do trabalho científico no Brasil e no mundo. Informações sobre as entrevistas foram publicadas no catálogo "História da ciência no Brasil: acervo de depoimentos / CPDOC." Apresentação de Simon Schwartzman (Rio de Janeiro, Finep, 1984).

temas: Atividade Acadêmica, Biologia, Carlos Chagas, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Ensino Superior, Formação Profissional, Fundação Rockefeller, Física, História da Ciência, Instituições Científicas, Instituto Oswaldo Cruz, Metodologia de Pesquisa, Museu Nacional, Pesquisa Científica e Tecnológica, Política Científica e Tecnológica, Professores Estrangeiros, Pós - Graduação, Química, Saúde Mental, Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Zoologia

Sumário

Sumário da 1ª entrevista:

Fita 1: o interesse pela zoologia e o ingresso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; o contato com Álvaro e Miguel Osório de Almeida e André Dreyfus; o ingresso no Instituto Oswaldo Cruz: o estágio no laboratório de fisiologia de Miguel Osório; a experiência na Clínica Psiquiátrica da Faculdade de Medicina; os trabalhos desenvolvidos com Rodolfo von Ihering na Comissão Técnica de Piscicultura do Nordeste; a volta a Manguinhos e a contratação em 1938; a gestão de Cardoso Fontes no Instituto Oswaldo Cruz; as linhas de investigação e a equipe de pesquisadores do Instituto na época; a tradição taxionômica das escolas de helmintologia e entomologia de Manguinhos; a colaboração de Haiti Moussatché em suas pesquisas; a atuação da Fundação Rockefeller no Brasil nos anos 30; o laboratório de fisiologia dos irmãos Osório de Almeida; a contratação de Carneiro Felipe e Miguel Osório pelo Instituto Oswaldo Cruz durante a gestão de Carlos Chagas; a carreira de pesquisador e o regime de trabalho desse instituto; o concurso para biólogo em 1945; os trabalhos sobre a epilepsia em rãs; as relações com Carlos Chagas Filho e com o Instituto de Biofísica da UFRJ; as rivalidades entre o grupo de Carlos Chagas e Oswaldo Cruz e o de Figueiredo Vasconcelos e Cardoso Fontes; as gestões de Cardoso Fontes e Olímpio da Fonseca no Instituto Oswaldo Cruz; os primeiros trabalhos desenvolvidos no Instituto; a introdução das técnicas da físico-química e da bioquímica por Carlos Chagas; os estágios com Lindor Brown no Instituto de Biofísica e no National Institute for Medical Research; a contratação de cientistas estrangeiros pelo Instituto Oswaldo Cruz.

Sumário da 2ª entrevista:

Fita 2: a decadência do Instituto de Manguinhos; o desenvolvimento do Instituto de Biofísica da UFRJ; a carreira de Jorge Guimarães; a experiência como pesquisador do Instituto de Neurologia da Universidade do Brasil; a contratação pela Faculdade Fluminense de Medicina em 1956; a gestão de Francisco Rocha Lagoa no Instituto Oswaldo Cruz; a nomeação para a direção do Instituto Biomédico da Universidade Federal Fluminense (UFF); a volta a Manguinhos e a transferência para a área de saúde mental.

Sumário da 3ª entrevista:

Fita 2 (continuação): a implantação e o desenvolvimento da fisiologia no Brasil: o incentivo do imperador Pedro II, a vinda de Luís Couty para o país, a criação do laboratório de fisiologia experimental do Museu Nacional em 1878, a contribuição científica de Couty e de Batista de Lacerda, o laboratório dos Irmãos Osório de Almeida, os trabalhos do Instituto de Biofísica; a biofísica e a fisiologia; a fisiologia em São Paulo: Tales Martins, José Ribeiro do Valle, Paulo Enéas Galvão e Maurício da Rocha e Silva; as escolas de fisiologia, microbiologia e protozoologia de Manguinhos; as linhas de pesquisa de Carlos Chagas Filho; o desenvolvimento da física e da química no país; a liderança "carismática" de Gleb Wataghin, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas Filho; a criação do Instituto Biológico de São Paulo e a situação atual desse instituto; a importância da microbiologia; a falta de apoio governamental à química; o desenvolvimento da bioquímica no país; a formação dos pesquisadores: a importância da atividade laboratorial; o sistema de pós-graduação adotado no Brasil; as consequências da massificação do ensino superior; a orientação e o sistema de financiamento do CNPq; a substituição dos cientistas pelos administradores na direção dos órgãos de amparo à pesquisa científica.

Fita 3: a liberdade dos pesquisadores de Manguinhos; a atual importância do planejamento científico; as Memórias do Instituto Oswaldo Cruz: a seleção dos trabalhos; a decadência de Manguinhos durante a gestão de Rocha Lagoa: a desativação do laboratório de Walter Oswaldo Cruz e de outras unidades de pesquisa; a contribuição de Walter Cruz ao Instituto; a formação do técnico de laboratório; a equipe técnica de Manguinhos; a Sociedade Brasileira de Fisiologia; a publicação de trabalhos em revistas especializadas; o papel e a atuação da SBPC e da Academia Brasileira de Ciências.

Rio de Janeiro, 30/5/77.

MVD – Começando desde o princípio, fiz meus estudos, o primário e o ensino médio, em Petrópolis, no colégio São Vicente. Inicialmente eu estava doido pela advocacia, mas depois, numa viagem a Ouro Preto, com minha tia, a pintora Regina Veiga, mudei completamente. Conheci a escola de Minas, fiz muito boa amizade com o professor de mineralogia Luís Caetano Ferraz, e as ciências naturais começaram a me apetercer. Fiquei um pouco em dúvida, mas isso me marcou e desde logo interessei-me pela zoologia. Tendo-me interessado pela zoologia, encontrei na Biblioteca Municipal de Petrópolis as Memórias do Instituto Osvaldo Cruz e li um trabalho de Ezequiel Dias sobre o Osvaldo. Isso me marcou muito. Eu já conhecia aquele castelo quando o trem passava, vindo para o Rio ou indo para Petrópolis, e logo Manguinhos se tornou um mito. Tanto que, nos meus últimos anos de colégio, eu praticamente só estudava zoologia.

TF – Isso foi quando?

MVD – Foi exatamente em 1929-1930. Daí, então, eu ter escolhido a carreira médica, porque naquela época a única maneira de se fazer biologia era seguir a carreira médica. Entrei na Faculdade de Medicina em 1931, com dois primos que me tinham antecedido. A Faculdade de medicina não me decepcionou, porque eu já sabia que era uma decepção, completa. Eu era profundamente irreverente com os professores das chamadas cadeiras básicas, com exceção de Álvaro Osório de Almeida, que era uma figura completamente diferente e por quem eu tinha o maior respeito, a maior admiração. No primeiro ano procurei estudar bem histologia. A parte de sistema nervoso me interessava particularmente, e fiz cursos com Ari Borges Fortes na Clínica Neurológica.

Desde o princípio procurei estudar problemas biológicos gerais, e em 1932 comecei a estudar fisiologia. O professor de fisiologia era Álvaro Osório de Almeida, uma pessoa completamente diferente daquele meio. Eu já sabia também da existência de Miguel Osório, irmão mais moço de Álvaro, e que era professor na Veterinária. Muito entusiasmado com a fisiologia, através das aulas de Álvaro, procurei Miguel

Osório na Faculdade de Veterinária e pedi-lhe licença para assistir suas aulas. Assisti a umas duas, e para mim foi a maior decepção ouvir Miguel, que eu sabia que era um eminente cientista, dar aulas tão sem graça, tão sem interesse, completamente banais. Assisti duas aulas e... fim.

Mas, na segunda metade de 1932, Miguel voltou da Europa, para onde tinha ido como professor do Instituto Cultural Franco-Brasileiro, e anunciou a realização de um curso em seis aulas na Escola Politécnica. Ele ia repetir as lições que tinha dado em Paris. Miguel deu seis aulas sobre tónus neuromuscular, e foi uma coisa completamente diferente, e vi então quem era o homem. Essas seis lições que eu tive dele me marcaram profundamente.

Nesse tempo eu já conhecia também André Dreyfuss, de São Paulo. Dreyfuss já estava em São Paulo, mas quando veio ao Rio pude assistir-lhe umas duas aulas. Ele também foi uma figura que me marcou muito. Fiz muito boa amizade com Dreyfuss, e gostava imensamente dele. Ele revelava uma histologia completamente diferente daquela que era ensinada na Faculdade de Medicina. Quando entrei para o terceiro ano fiquei, de um lado, querendo fazer pesquisa. E preciso dizer que naquela época, em 1933, não havia pesquisa na Faculdade de Medicina, absolutamente. Álvaro Osório não tinha tido condições de fazer pesquisa. Pesquisa em fisiologia feita por ele era realizada naquele laboratório particular da rua Machado de Assis, um laboratório que teve muito nome, porque não havia condição de fazer pesquisa na Faculdade de Medicina. Vale a pena dizer que a pesquisa na Faculdade de Medicina começa em 1937, com a entrada de Chagas. Em 1937, na Faculdade de Medicina, muda completamente a configuração em relação a fazer pesquisa. Mas no meu tempo não havia pesquisa. Fiquei sempre de olho na possibilidade de trabalhar com Miguel, que trabalhava em Manguinhos.

Manguinhos já era para mim um mito. Eu sonhava em entrar naquela casa, trabalhar nela, trabalhar com Miguel Osório de Almeida. Ao mesmo tempo eu tinha influência de um tio, Ulisses Vianna, psiquiatra. Dessa forma, tentado por uma situação familiar, comecei a freqüentar o Serviço de Psiquiatria. Paralelamente, justamente em novembro de 1933, por intermédio de Paulo Carneiro, que era conhecido lá de casa, cheguei a Miguel Osório. Desde então comecei a trabalhar

com Miguel Osório e ao mesmo tempo, seguindo um pouco a influência do tio, comecei a freqüentar também a Psiquiatria. Bom, ingressar em Manguinhos naquela época... Chagas ainda era diretor. Lembro-me ainda do velho Chagas passando de carro, uma figura também absolutamente mítica.

Entrar em Manguinhos era conhecer todos aqueles monstros sagrados. Quando entrei em Manguinhos eu já conhecia bem sua história. Quer dizer, sabia quem era Henrique Aragão, Neiva, Adolfo Lutz, enfim todos aqueles “grandes”.

Abrindo um parêntese, lembro que no primeiro e segundo anos, procurando ouvir um pouco de ciência, eu freqüentava cursos do Museu Nacional. Fiz, por exemplo, o curso de espectroscopia com Louis Mety-Parlé. Quando havia uma ou outra conferência sobre parte básica de ciência natural nesse Rio de Janeiro, eu procurava ver e ouvir.

Como dizia, comecei a trabalhar com Miguel Osório, e ele me deu logo como assunto um tipo de convulsão experimental em rã que ele tinha acabado de descobrir. É um fenômeno extremamente interessante: resfriando-se a medula, espinhal da rã, obtém-se uma descarga do tipo convulsivo epileptiforme. Estudei isso durante anos. E assim fiquei até princípio de 1935. Em 1934 fiz concurso para ser interno de psiquiatria, com Iraci Doyle. Fui classificado e fui designado interno. Mas devo confessar que a psiquiatria, o contato direto com o doente, era uma coisa muito penosa para mim. Eu nunca tive a menor, quer dizer... Para começar, eu me sentia mal no hospital. Hospital era um lugar em que eu não me sentia bem. E assim esse internato me fez imediatamente pensar que psiquiatria não era a especialidade que eu iria seguir. O interesse pela psiquiatria voltou há uns quatro anos. Agora estou novamente enfronhado na psiquiatria, mas para dar um outro enfoque.

Fiquei trabalhando em Manguinhos, e depois veio aquela vontade desesperada, doida de casar. Nessa época foi-me oferecido um emprego, por uma quantia maravilhosa: um conto e oitocentos mensais para trabalhar em biologia de peixes de água doce no Nordeste, com Rodolfo von Ihering! Como eu não tinha meios de casar, interrompi por dois anos meu curso de medicina e fui trabalhar com Rodolfo von Ihering. Fiquei no Nordeste de março de 1935 a fevereiro de 1937. Esses dois

anos de Nordeste foram bem proveitosos. Primeiramente porque conheci a região ainda numa época em que absolutamente eu não iria conhecer, e viajei muito por todo o Nordeste. Se naquela época houvesse um programa “8 ou 800”, acho que eu ganharia o prêmio respondendo sobre Lampião. Eu conhecia tudo sobre Lampião porque havia sempre uma possibilidade de encontrá-lo nas viagens que eu fazia pelo Nordeste. Vi então o que era essa região seca, agreste. Fiz uma viagem durante um mês até Belém, visitei o Tocantins, subi o Tocantins até Baião, depois viajei até o lago Arari, em Marajó. O resto passei entre o Ceará e Pernambuco, ficando mais tempo no Ceará. Fiquei algum tempo na Paraíba, em Campina Grande, e três meses em Játoba de Tacaratu. Lá, naquela época, não havia o menor meio de comunicação, a única coisa que interessava, era onde estava Lampião. Creio que eu levava quase 24 horas para fazer a viagem de Recife a Jatobá. Hoje imagino que essa viagem pode ser feita em cinco horas.

Lampião já tinha, entrado uma vez na cidade, em 1930. Havia, um trem que chegava todas as quartas-feiras vindo de Penedo, e o chefe da estação era quem me dava algumas notícias. Lembro-me de que, talvez em dezembro de 1935 ou janeiro de 1936, ele me disse que havia uma notícia de que o Brasil tinha declarado guerra à Rússia. Certamente foi aquela situação decorrente de 27 de novembro de 1935. Lembro-me bem, eu estava em Teresina quando ouvi a notícia.

MCM – Quem patrocinava esse programa?

MVD – O serviço de piscicultura pertencia ao Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Rodolfo von Ihering era um zoólogo de São Paulo, filho de Hermann Von Ihering, o grande naturalista e zoólogo. Rodolfo estivera por muito tempo afastado da ciência, mas nunca perdera o contato. Ele tinha a aspiração de desenvolver a Piscicultura no Brasil. Sendo muito amigo de Fernando Costa, de São Paulo, Rodolfo conseguiu, por meio de ligações, estabelecer a criação de um serviço na região das secas no Nordeste, com a possibilidade de desenvolver alimento natural – peixe com proteínas – e de poder implantar aí a piscicultura. Essa fase inicial de meu trabalho em piscicultura foi essencialmente científica, e também extremamente boa para mim. Isto porque, por um lado, eu estava acostumado só no laboratório de Manguinhos, e muita coisa que eu conhecia somente de leitura o Rodolfo Von

Ihering me mostrava. Rodolfo tinha uma formação de naturalista, herdada do pai, verdadeiramente maravilhosa. Ele conhecia a natureza, mostrava-me os animais, as plantas, o ambiente naqueles açudes, naquela região agreste, nas caatingas, ou mesmo na região litorânea, com maior vegetação. Esse contato com um naturalista como Rodolfo Von Ihering foi para mim realmente muito proveitoso.

De outro lado, pude estudar um material puramente como zoologia e como biologia. Estudei bem uma espécie de peixe, fiz um trabalho que para mim foi realmente importante, e então pude ver, em relação a peixe, muitas coisas. Por exemplo, estudei a parte de anatomia e a parte de fisiologia que se podia naquela época. Mas dois assuntos me despertaram particularmente a atenção e eram objetos de estudo no laboratório da comissão: um era a questão da desova, e da fecundação. Na Europa e nos Estados Unidos, a piscicultura era relativamente fácil de ser feita porque os peixes – baiacu, truta, o peixe-rei, por exemplo, na Argentina – apresentam-se com as gônadas, os ovários, os testículos com os espermatozoides, maduros durante muito tempo. Basta então colher um animal, macho e fêmea, espremer, fazer a fecundação e desenvolver os ovos em laboratório. Depois de criar as larvas, é só espalhá-las pelos lagos ou rios. No Brasil, entretanto, e talvez em outros continentes – o africano, possivelmente –, os peixes de água doce apresentam uma fase de desenvolvimento das gônadas, e permanecem nessa fase durante um tempo relativamente grande. Se se tentar uma fecundação artificial, não se obtém o menor resultado. E aí, numa determinada noite que ninguém pode prever, quando os peixes sobem o rio na piracema, é que se da a maturação e a desova com a fecundação. Se alguém perde essa noite, perdeu o ano todo. Ihering tinha então a idéia, que realmente deu certo, de pegar esses peixes no laboratório, injetar a hipófise, provocar a maturação e conseguir a fecundação nesses reprodutores conservados em laboratório. E isso ele realmente conseguiu, num trabalho inicial puramente experimental. Depois se fez isso como rotina, e acredito que ainda se faça no nordeste, não tenho mais certeza. Mas o importante é que deu resultando prático muito bom. Isso foi, portanto, um dos assuntos que estudei.

MCM – Era uma equipe?

MVD – Era uma equipe. Ihering tinha uma equipe, quer dizer, Otto Bier chegou a trabalhar

com ele. Otto Bier esteve uns meses, não no meu tempo, no Nordeste. Antes de mim estiveram, por pouco tempo, além de Otto Bier, Clemente Pereira e Dorival Cardoso.

MCM – Zeferino Vaz?

MVD – Zeferino Vaz, não. Zeferino Vaz conheceu Ihering em São Paulo. Ele foi discípulo de Lauro Travassos, junto com Artigas e Clemente Pereira, mas não foi ao Nordeste. Do meu tempo, o pessoal que permaneceu lá foi o Pedro de Azevedo, que depois, voltando para São Paulo, desenvolveu lá a piscicultura, o Luís Canalli, que, morreu muito cedo, em São Paulo, Benedito Borges Vieira, Valdemar França... Quando eu estava saindo da comissão, vinha Estevam de Oliveira. Mas a equipe com que eu trabalhei era formada essencialmente de Pedro de Azevedo, Luís Canalli, Borges Vieira, e depois também, durante pouco tempo, Valdemar França.

MCM – Essas pessoas vinham de Manguinhos?

MVD – Não, eram todos de São Paulo. Eu era o único do Rio, o único carioca.

TF – Essas pessoas vieram de São Paulo por influência do Fernando Costa?

MVD – Não, o recrutamento... Eram todos médicos, eu era o único estudante de medicina. Pedro, Canalli e Borges Vieira já eram formados. Luís Canalli e Borges Vieira voltaram para a medicina. Pedro de Azevedo foi o único que continuou toda a vida em piscicultura, em biologia. Mas havia outros estrangeiros. Lembro-me de que quando cheguei lá ainda conheci, se não me engano, Fritz Lentz, que trabalhava em (?), na estação hidrobiológica. E Siwey, muito jovem, que tinha vindo com Lentz. Siwey, anos depois, volta para a Amazônia, onde estuda muito a limnologia da Amazônia. Hoje ele é um profundo conhecedor de problemas limnológicos brasileiros. Conheci Siwey muito jovem ainda. Lembro-me bem dele, quando, cheguei a Campina Grande. Mas quem permaneceu durante todo o tempo que estive lá foi Stewart Wright, norte-americano, que era limnologista. Stewart Wright fazia estudo das águas dos açudes do Nordeste e era especialista em copépodes.

MCM – Em quê?

MVD – Copépodes. São uns crustáceos microscópicos que formam parte do plâncton. Como eu dizia, fiz um estágio em copépodes com Stewart, a título de formação. Nesses trabalhos sobre peixes havia uma coisa maravilhosa que logo no início comecei a observar, e que já estava sendo estudada por Ihering. É que, injetando-se um peixe, macho e fêmea, com hipófise, consegue-se a fecundação. Conseguindo-se a fecundação, tomava-se o ovo do peixe fecundado, levava-se para o microscópio e via-se então uma coisa que eu só conhecia em figura de livro, e creio que muita gente ainda, muito estudante de biologia, para não dizer médico, só conhece em figura de livro: a evolução do ovo, sua divisão em dois, quatro, oito... Aquilo era um cinema! O ovo evoluía de maneira relativamente rápida. Do ovo fecundado até a eclosão da larva, o girino, ia um período de 20 a 24 horas. E ficava-se em cima do microscópio, comia-se um sanduíche... Era uma maravilha o que se via sair. Aquela época foi realmente maravilhosa, quer dizer, esses dois anos de experiência em biologia realmente me marcaram. Mas depois comecei a sentir que não era bem aquilo que eu queria, eu tinha que completar meu curso de medicina. Além do mais, a vida financeira já estava dura, aquele um conto e oitocentos que parecia uma fortuna mal dava para viver.

MCM – O estágio em Manguinhos não era remunerado?

MVD – Não, não era remunerado. Então eu me desliguei da comissão, cujo nome era Comissão de Piscicultura do Nordeste. Depois passou a ser Serviço de Piscicultura do Nordeste, que ainda existe. Voltei para o Rio em março, para completar meu curso de medicina. Formei-me em fins de 1937, pois perdi um ano. Voltei então para Manguinhos, voltei para Miguel Osório. Aí recomecei meu trabalho, e fiquei em Manguinhos até 1971.

MCM – O Senhor já entrou como contratado?

MVD – Não, entrei ainda sem ganhar nada. Era uma tradição em Manguinhos que a pessoa tinha que gramar... enfim, era um estágio curtido. Só fui contratado em Manguinhos em dezembro de 1935. O que aconteceu comigo aconteceu também com todo o pessoal daquela época, com exceção de um ou outro mais feliz que conseguia um

contrato como estudante, ou uma verba. De modo geral entrava-se no laboratório e ficava-se trabalhando, e procurando uma brecha. Em 1937, então, a situação melhorou um pouco, ensinei em escola primária, no curso secundário, e tirava uma beiradinha como monitor. Mas fui me aguentando, porque tinha auxílio de parentes. Eu me formei em medicina em fins de 1937 e passei todo esse primeiro ano em Manguinhos, a espera de um contrato que felizmente saiu em dezembro de 1938. Nunca exerci clínica...

MCM – Nessa época o diretor de Manguinhos era...

MVD – Quando entrei era Chagas, como eu disse, mas Chagas foi substituído por Fontes. Quando voltei em 1937, Fontes estava efetivado em Manguinhos.

MCM – Chagas morreu em 1934.

MVD – Exatamente. Chagas morreu, creio, em meados de 1934. Fontes, eu o conhecia muito de leitura. Sabia que era o homem que tinha descoberto as granulações do bacilo da tuberculose, e que tinha um trabalho extremamente discutido sobre possíveis formas filtráveis do bacilo da tuberculose. Mas Fontes se revelou, de fato, um diretor muito fraco, extremamente fraco. Não sei se ele já estava com a saúde abalada, pois pouco depois ficou doente. Henrique Aragão entrou então como substituto. Permaneceu durante anos como substituto, e depois foi efetivado na direção de Manguinhos. Eu consegui o contrato...

MCM – Isso que o Senhor caracterizou como a fraqueza da direção de Fontes era uma coisa sensível imediatamente, ou seja, o senhor sentiu logo que chegou?

MVD – É, senti logo. E todo o mundo sentia que ele era um diretor fraco. Se é para contar histórias... Não sei se a idéia de colocar Fontes no Instituto veio diretamente do presidente Vargas, mas é fato que ele foi convidado por Gustavo Capanema, que era ministro da Educação. Foi convidado e não aceitou. Além de recusar o convite, parece que deu uma resposta categórica. Depois, não sei por que circunstância, Fontes teve um contato com Getúlio. O presidente repetiu o convite, e Fontes então aceitou. Desde então nasceu uma antipatia, um desentendimento entre Capanema e

Fontes. Eles não se davam, não se entendiam. Lembro-me de uma visita de Capanema a Manguinhos, tenho a impressão de que com Getúlio, em 1938, em que ocorreu um fato curioso. Visitando a biblioteca, o Capanema dirige-se a Fontes: – Aqui o Senhor certamente deve ter problemas, deve necessitar de verbas. Quanto de verba o Senhor imagina que precisa? E o Fontes responde: – Uns trezentos contos. E a frase do Capanema foi mais ou menos a seguinte: – Diretor, disso preciso eu para a minha biblioteca! Era realmente um desentendimento. O Fontes não tinha absolutamente noção do desenvolvimento que o Instituto deveria ter, e sua direção marca um sensível declínio do Instituto.

MCM – O período de Chagas ainda é de ascensão?

MVD – Acho que... Manguinhos começa a declinar com o próprio Osvaldo. Antes de Osvaldo morrer, Manguinhos já estava declinando. De fato, Manguinhos teve ainda uma ascensão no tempo de Aragão. No tempo de Aragão e início da gestão de Olímpio da Fonseca o Instituto se apruma, tem um alento, melhora suas condições de trabalho. Mas depois da direção de Olímpio é praticamente um desastre. É a queda. Mas essa queda já vinha, e antes de o Osvaldo morrer ela já se fazia sentir. Fontes, entretanto, acelera essa queda. Acho que a administração de Fontes foi realmente desastrosa.

Quando entrei para Manguinhos, lembro-me, havia a parte de fisiologia, de Miguel, que desenvolvia um laboratório em que se fazia bastante pesquisa. Tinha havido o laboratório de Thales Martins, que estava em São Paulo naquela época. Quando entrei já não encontrei mais Thales, não peguei Thales naquela fase de desenvolvimento de trabalho científico que ele desenvolveu em São Paulo, no Butantã, depois que saiu de Manguinhos. Além da parte de fisiologia, com Miguel, havia uma parte extremamente desenvolvida de zoologia, chamada zoologia médica, mas era de fato zoologia. Era, por exemplo, uma parte de protozoologia, em que estavam Marcos da Cunha e Júlio Muniz – que, em essência, foram os dois grandes elementos da época. Na helmintologia estava Lauro Travassos, Herman Lent, Teixeira de Freitas, e muitos estagiários. Lembro-me, por exemplo, de Manuel Cavalcanti Proença, Jaime Dias de Almeida, e Hugo de Sousa Lopes, que trabalhava no laboratório de Lauro Travassos. Lauro Travassos formava um

laboratório extremamente agasalhador, de grande produção científica, mas uma produção essencialmente taxionômica, ligada a vermes, a helmintologia e também a entomologia. Na Entomologia havia o Costa Lima, que é desses homens também incríveis. Tive, então, contato com esse pessoal, que eu já conhecia, inclusive Henrique Aragão. Henrique Aragão já não fazia mais pesquisa. Acompanhava pesquisas, mas tinha passado por uma fase, e estava mais ligado a problemas administrativos ou então acompanhando pesquisas de outros. Havia também Adolfo Lutz. Adolfo Lutz trabalhava ainda, apesar de cego. Trabalhava por intermédio dos olhos de seu auxiliar, Joaquim Venâncio. Depois voltarei a falar de Joaquim Venâncio, que era também uma figura maravilhosa, e de Berta Lutz, filha de Adolfo. Venâncio e Berta estavam sempre presentes. Outra pessoa que também me marcou muito foi Artur Neiva, com quem fiz muito boa camaradagem, muito boa amizade, justamente quando voltei na segunda fase, em 1937.

MCM – Artur Neiva, nesse meio tempo, já tinha ido a São Paulo, já tinha voltado...

MVD – É, ele já estava de volta de São Paulo.

MCM – Ele tinha voltado para Manguinhos numa situação meio de ostracismo, não?

MVD – É, ele já estava em pleno ostracismo. Neiva e toda uma outra figura que também vale a pena recapitular depois. Aliás, vale a pena falar de cada uma dessas figuras, e do que eu puder contar delas. Com Aragão, por exemplo, fiz também muito boa amizade. Eu gostava muito dele e acredito que ele também de mim. E outros nomes... Por exemplo, lembro-me de José da Costa Cruz, que era um indivíduo extremamente inteligente. Costa Cruz começou a carreira de pesquisador fazendo uma série de trabalhos notáveis sobre bacteriófago, e ficou mal acostumado. Tenho a impressão de que Costa Cruz só queria fazer coisas notáveis.

MCM – Foi Costa Cruz quem foi mandado por Chagas à Alemanha?

MVD – Isso eu não sei. Os trabalhos de Costa Cruz sobre o bacteriófagos acho que datam mais ou menos de meados da década de 20, talvez 1924. São trabalhos que tiveram uma repercussão muito grande. Conheci o Costa Cruz durante as muitas visitas que

ele fazia ao laboratório de fisiologia, e das conversas que ele tinha com Miguel Osório de Almeida. Costa Cruz era uma pessoa acessível, camarada, e muito questionadora. Mas ele era uma pessoa extremamente brilhante, mas, naquele tempo, trabalho de pesquisa... Em suma, era uma outra situação: o Instituto, que tinha sido criado para dedicar-se basicamente ao estudo de microbiologia, tinha na microbiologia sua parte mais fraca. Quem trabalhava bem em Manguinhos nessa época era Genésio Pacheco. Mas, de modo geral, a equipe de microbiologia não era das..., digamos...

MCM – O senhor falou em taxionomia. Isso era uma...

MVD – Classificação.

MCM – Sim, mas entendi como uma coisa menor, quer dizer, seria uma atividade...

MVD – Não é menor, e sim limitada. Uma coisa limitada que se expandiu e não... Em relação à parte biológica, por exemplo, fiz no Nordeste trabalhos que não teria sido possível fazer em Manguinhos. Lembro-me de que um dos trabalhos que fiz – e fiz em parte por correspondência, eu e Pedro de Azevedo de um lado, e Clemente Pereira de outro – foi um estudo de todo o ciclo evolutivo do peixe sambiru, (?). Observando o (?), já na larva encontrei vermes nematódeos, e localizei, nesses microcrustáceos, também a presença de vermes, servindo de alimento. Mendei esse material para Clemente Pereira e pude, junto com ele e Pedro de Azevedo, traçar todo o ciclo evolutivo, desde o microcrustáceo até peixe, passando o verme por vários estágios. Ou seja: estudando biologicamente. Isso em Manguinhos não se fazia. O que se fazia em Manguinhos era um estudo puramente taxionômico, era a determinação da espécie. O estudo era muito bem feito, mas apesar disso era limitado.

MCM – Essa linha de estudo era assumida como uma posição restrita do Instituto? Era uma linha de trabalho que Manguinhos defendia, ou isto era feito simplesmente porque....?

MVD – Fazia-se em Manguinhos o que era possível fazer. L

- TF – Possível em termos de capacidade pessoal ou de problema de equipamento?
- MVD – Creio que nos dois sentidos. Embora Travassos fosse um homem que também se situava muito bem no campo – ele fazia muitas excursões –, as Escolas de Helmintologia e de Entomologia de Manguinhos foram escolas essencialmente taxionômicas. Foram grandes escolas, é verdade, mas essencialmente taxionômicas. Creio que, se tivesse sido abordado um estudo essencialmente biológico, isso teria sido de grande utilidade. Um estudo não só biológico, como também de morfologia mais meticulosa do animal, e não apenas uma morfologia essencial era a classificação da espécie.
- TF – Retomando a cronologia, o senhor voltou para Manguinhos para fazer exatamente que trabalho?
- MVD – Retomei então essa espécie de epilepsia experimental. Quando comecei a trabalhar com Miguel Osório, em 1933, entrou também Haiti Moussatché. Trabalhamos juntos no laboratório de Miguel Osório até a morte de Miguel, e trabalhamos em Manguinhos até Haiti ser cassado, miseravelmente cassado. A cassação veio em 1970, e durante todo esse tempo Haiti trabalhou na Escola de Fisiologia. Durante a época, em que eu estive fora, Moussatché afastou-se do laboratório e ficou trabalhando na Fundação Rockefeller. Creio que em fins de 1936 ou início de 1937, quando voltei, Haiti também retornou ao laboratório.
- TF – O senhor disse que Moussatché trabalhou na Fundação Rockefeller. O que significa isso?
- MVD – Na Fundação ele se ocupou de um trabalho puramente de rotina que, se não me engano... Não, ele trabalhou num laboratório de virologia de Henrique Penna. Naquela época Henrique Penna tinha um laboratório de virologia, e Moussatché trabalhou com ele durante cerca de dois anos, nas completamente afastado do setor de fisiologia. Assim que teve possibilidade de ser contratado, Moussatché voltou para Manguinhos, para trabalhar com o Miguel.

- TF – E como a Fundação Rockefeller entra nisso?
- MVD – Falei da Fundação apenas para situar uma interrupção na vida de Moussatché. Durante o período de mais ou menos dois anos em que estive afastado, Moussatché também se manteve afastado. Miguel Osório ficou praticamente só.
- TF – Gostaria de saber um pouco sobre que tipo de trabalho se fazia na Fundação Rockefeller.
- MVD – Na Rockefeller, naquela época, fazia-se essencialmente um trabalho de rotina sobre febre amarela. Só se estudava febre amarela. Por exemplo, quem fazia o exame histopatológico, para diagnosticar a lesão amarílica, era Madureira Pará, que depois também foi para Manguinhos. No material que vinha de viscerotomia Madureira Pará via muita lesão, extremamente interessante, e que não era de febre amarela. Mas estava absolutamente proibido de se deter nisso. Não podia, em absoluto. Aquilo era um trabalho escravo. O sujeito só tinha que ver febre amarela e nada mais do que febre amarela. Eu me lembro de Moussatché me dizer: – “Acho que comecei a ficar doido!” Era só febre amarela, e ela não lhe estava absolutamente interessando. Além disso, não era uma parte de pesquisa. Era um trabalho puramente de rotina, e Moussatché não estava absolutamente interessado naquilo.
- MCM – Que tipo de relação existia entre o laboratório de Osório de Almeida, que se preocupava com a parte de fisiologia, e essa tradição taxionômica de Manguinhos? Como as duas coisas se complementaram?
- MVD – Isso é uma outra questão. Quando Osvaldo fundou o Instituto, estabeleceu como linhas mestras de pesquisa a microbiologia, a parte de parasitologia e a parte de patologia. Resumindo, acho que essas eram as três grandes linhas de trabalho do Instituto: microbiologia, com seus vários setores, parasitologia, com protozoologia, micologia, entomologia... Já Lutz começou a trabalhar pouco depois da fundação (?), em patologia. A parte de fisiologia era feita, na Rua Machado de Assis, pelos irmãos Álvaro e Miguel. Álvaro entrou na Faculdade de Medicina em 1911, como professor substituto, mas não conseguiu ter clima ou condições de pesquisa. Miguel, que queria ser professor, fez um concurso em 1916, mas não foi

classificado. Miguel e Álvaro resolveram, então, fazer pesquisa. Receberam um auxílio do Cândido Gaffrée, que era muito amigo da família Osório de Almeida. Além disso, os Osório de Almeida tinham uma situação bastante folgada para aquela época. O pai, Dr. Gabriel Osório de Almeida, ilustre engenheiro, tinha bens. Então, no porão da casa dos Osório, Álvaro e Miguel fizeram um laboratório, que eu cheguei a conhecer, quando ainda não trabalhava com Miguel. Esse laboratório acabou em 1933. Dai saíram trabalhos que constituem todo o início da fase definitiva da fisiologia no século XX.

TF – Por que o laboratório acabou em 1933?

MVD – Para responder a esta pergunta, tenho que voltar a Manguinhos. Em 1919, Chagas, então diretor, compreendeu a necessidade de haver pesquisa em bioquímica e fisiologia. Trouxe então Carneiro Filipe – outro dos grandes que eu conheci rapaz, quando entrei em Manguinhos – e convidou Miguel. Miguel então foi trabalhar em Manguinhos, em 1919. Trabalhou de 1919 até 1921. Depois houve um desentendimento com Chagas, e Miguel saiu. Miguel era também professor na Escola de Veterinária, desde 1917. Mas, como não encontrava ambiente na Veterinária, ele trabalhou no mesmo laboratório de Álvaro, no porão da Machado de Assis. Em 1927, Chagas procurou Miguel, pôs fim ao desentendimento, e Miguel voltou para Manguinhos, definitivamente. Em Manguinhos, instalou o laboratório de fisiologia. A história de Miguel é essa, em resumo. Álvaro, em 1933, perdeu a mãe, que morreu de câncer. O pai também já havia morrido de câncer, e Álvaro fez bastante pesquisa, às vezes puramente em problemas experimentais ligados diretamente à patologia. Fez pesquisa sobre anestesia, sobre uremia, e em 1933 foi trabalhar na Fundação Gaffrée-Guinle, em problemas ligados diretamente ao câncer. Com a morte da mãe, Álvaro sentiu necessidade de acabar com a casa da Machado de Assis, que era muito grande. Como ele já tinha outro lugar para trabalhar, o laboratório da Machado de Assis acaba em 1933.

MCM – Mas as relações que existiam, em Manguinhos, entre fisiologia e as outras especialidades?

MVD – A fisiologia ficou, em Manguinhos, durante muito tempo, como uma coisa que os

antigos de Manguinhos achavam muito bonita, uma espécie às vezes de enfeite, que não compreendiam bem a verdade, obviamente, que Aragão e Olímpio da Fonseca, por exemplo, entendiam perfeitamente. Mas uma pessoa como o Fontes, por exemplo, não tinha sensibilidade.

MCM – Isso se refletia em problemas de verbas, ou interferia numa infra-estrutura para que a fisiologia se desenvolvesse? Esse tratamento paternalista...

MVD – As dificuldades em Manguinhos recaíram muito sobre a fisiologia. Não só a fisiologia, mas as outras especialidades também se ressentiram pelo desenvolvimento de Manguinhos. Para não perder a ordenação dos fatos, não sei se falo de mim, do meu trabalho, ou se... Bom, o meu trabalho, obviamente, está tão ligado à instituição, que acho que a instituição teia muito mais interesse...

TF – A gente pode tratar os dois planos, inclusive pode-se entremear um pouco, mas acho que nessa primeira parte talvez fosse interessante a gente seguir bem a sua experiência, para que depois, na segunda parte, voltássemos a levantar esse tipo de questão a partir de sua vivência. Segundo me parece, quando o senhor volta para Manguinhos, volta Haiti Moussatché...

MVD – Moussatché já estava contratado. Eu fui contratado em dezembro de 1938. A carreira lá não oferecia nenhuma perspectiva, e então resolvemos fazer um concurso que foi aberto para biólogo, era fisiologia e em outras especialidades. Parece-me que esse concurso foi realizado de 1943 até fins de 1944.

TF – O senhor disse que a carreira não oferecia nenhuma perspectiva. O que significa isso, exatamente?

MVD – Quando falo de falta de perspectiva, refiro-me, de um lado, ao fato de que as promoções obedeciam a critérios que não favoreciam muito a fisiologia. De outro lado, os critérios às vezes obedeciam ao favorecimento de contrato de um colega, e como não víamos nossos contratos ter nenhuma melhora, resolvemos, os dois juntos, fazer o concurso. Ingressando na carreira de biólogo, pelo menos não mais dependeríamos de uma simpatia ou de um favorecimento. Entramos então na

biologia.

MCM – Mas antes qual era a situação? Vocês eram contratados mas eles não...

MVD – Havia vários níveis, e a vida era difícil. Era difícil porque já desde 1937 até 1945 não se podiam acumular cargos. Como não se podia acumular, eu vivia de ordenado, entrei em Manguinhos, em 1938, com um conto e quatrocentos. Em 1945, se não me engano, eu estava com um e quinhentos, o que era realmente muito pouco para viver. Não havia a instituição de tempo integral, do full-time. Nós trabalhávamos full-time em Manguinhos, mas não havia nenhum sistema especial que beneficiasse o pesquisador. Tanto que, assim que foi permitida a acumulação, eu acumulei. O Moussatché nunca acumulou. Nesse ponto ele foi um indivíduo extremamente dedicado e sofrido, porque ficou somente com aquele ordenado. Mas eu, como muitos outros, procurei uma acumulação na escola de Medicina, porque o ordenado era realmente muito limitado, extremamente limitado.

Nessa época, nós trabalhávamos em assunto diretamente ligado a Miguel Osório de Almeida, essencialmente esse tipo de epilepsia experimental. A partir do início dos anos 40, Moussatché e eu começamos a trabalhar por conta própria num assunto ligado a epilepsia por excitação do córtex cerebral, no cão e no macaco. Inicialmente trabalhamos juntos. Depois cada um se diferenciou em determinado setor, e passamos a ter nossos próprios laboratórios. Passei a ter meu laboratório, creio, pouco depois de 1945. É preciso dizer que durante toda essa época de início em Manguinhos, de 1937 a 1939, principalmente em 1938, eu era extremamente ligado a Carlos Chagas, e freqüentava muito o Instituto de Biofísica. Chagas me convidava, e também ao Haiti, para visitar o Instituto, fazer palestras... Segui, então, todo o desenvolvimento do Instituto de Biofísica. Esse contato muito íntimo com o Chagas me proporcionou, em 1947, conhecer o fisiologista inglês G.L. Brown, que mais tarde foi Sir Lindolf Brown. Eu já conhecia Brown de publicações, ele já era um fisiologista muito conhecido. Chagas trazia para cá, desde o princípio, muitos pesquisadores para trabalhar no Instituto de Biofísica. Isso foi uma orientação excelente, porque o indivíduo passava aqui alguns meses, e ensinava, além de fazer pesquisa no Instituto de Biofísica. Toda a equipe de biofísica daquela época se beneficiou muito com isso.

TF – Esse tipo de intercâmbio não havia em Manguinhos?

MVD – Não havia, absolutamente. Acho que foi uma infelicidade para Manguinhos o Chagas não ter sido seu diretor. Para Chagas não, mas para Manguinhos foi uma infelicidade. Acho que Chagas, se tivesse sido diretor de Manguinhos, teria mudado completamente a sua história. Haja vista o que foi o Instituto de Biofísica e o que foi Manguinhos. Uma instituição se desenvolveu extremamente, e essa instituição se desenvolve. É preciso dizer que o mérito de Chagas é indiscutível, excepcional, e Manguinhos foi pouco a pouco... E Chagas queria ser diretor. Eu sentia perfeitamente que Chagas, teria interesse em ser diretor, por vários motivos: primeiro, o pai tinha sido pesquisador e diretor de Manguinhos, e Manguinhos era, obviamente, uma grande instituição. Segundo, Chagas via perfeitamente que ele teria ali um meio muito mais fácil de desenvolver que o Instituto de Biofísica. Tomasse Manguinhos sob sua direção, e ele teria condições de desenvolvê-lo, não há a menor dúvida. Foi realmente uma desgraça Manguinhos não o ter tido em sua direção. Além disso, Evandro, que estava desenvolvendo uma carreira extremamente brilhante, morre em 1938. Chagas então interrompeu todo o seu trabalho em biofísica para completar as coisas que Evandro tinha iniciado em Manguinhos. Fez isto com a equipe de Evandro, ou seja, Caprinélio Guimarães, Norberto Castro Ferreira, Lener... Com relação à direção de Manguinhos, eu sentia, por exemplo, que o próprio Capanema teria advogado convite a Chagas. Mas contra isso havia principalmente o pessoal de Manguinhos, que não queria Carlos na direção. Eu sentia que aquelas sumidades, achavam-se diminuídas de serem dirigidas por um rapaz, pois Carlos naquela época era muito moço. Chagas foi bloqueado várias, vezes e acabou se desinteressando completamente.

MCM – O senhor acredita que Manguinhos, com uma direção segura, poderia ter superado essa...

MVD – Estou certo disso. Se Manguinhos tivesse como diretor ou Carlos Chagas ou Valter Osvaldo Cruz, teria sido outra instituição.

MCM – Havia, precisamente, quantas pessoas trabalhando em Manguinhos nessa época?

MVD – Não sei ao certo. Eu diria que...

MCM – O Chagas começou o Instituto de Biofísica com um grupo muito pequeno. Isso deve ter sido de manipulação e direção mais fácil do que seria uma organização já cheia de...

MVD – Acho que Manguinhos tinha uns 40 a 60 pesquisadores. Não faço idéia mais ou menos, não posso. Isso é praticamente fácil de recompor, mas creio que eram mais ou menos...

MCM – Mas provavelmente, cheio de grupos...?

MVD – Eu já entrei era Manguinhos com grupos formados, e grupos formados já existiam desde Osvaldo. Osvaldo já morreu entre dois grupos perfeitamente definidos.

TF – O senhor poderia falar um pouco sobre isso, ou é indiscrição nossa?

MVD – Não, absolutamente... São fatos. Pelo que sei, quando o Osvaldo fundou Manguinhos havia Figueiredo de Vasconcelos, Ezequiel Dias, que era cunhado dele, e... aquele que foi para São Paulo... Rocha Lima. Esses, tratavam Osvaldo por você, não se diferenciavam. Fazíamos uma brincadeira em Manguinhos dizendo que o Chagas, o Neiva, Aragão, Godói e Gomes de Faria eram os apóstolos, tinham visto o mestre. Os discípulos eles só conheciam por tradição. Lauro Travassos, Costa Lima e Magarinos Torres são também da época de Osvaldo, mas eram muito mais jovens, principalmente Magarinos Torres.

Em princípio, quando Manguinhos começou a desenvolver-se, surgiram dois trabalhos que foram retumbantes, um de Chagas – estamos em 1909 – e outro de Aragão, pouco antes. Acho que Aragão começou em 1906-1907. Aragão estudou o alterídio do pombo, seu ciclo evolutivo, e com isso pôs por terra todas aquelas idéias clássicas sobre evolução desses protozoários, que tem uma influência, extremamente grande. Chagas e Aragão começaram então a distinguir-se de outros. Ficaram então Chagas de um lado, Aragão de outro. Figueiredo de Vasconcelos,

um técnico que todos dizem que foi muito bom, eu conheci ao longe, e particularmente nunca troquei palavras com ele. Mas creio que começou a haver, desde o início, uma rivalidade. Quando Osvaldo se afastava para uma viagem a Europa ou pelo interior do Brasil, ficava um substituto. Esse substituto era Figueiredo de Vasconcelos. Quanto à admissão de novos, havia muita gente que trabalhava em Manguinhos... O quadro de Manguinhos era restrito, e sempre havia a vontade de que alguém mais moço pudesse entrar. Isso também gerava competição. Uma vez o Osvaldo nomeou seu filho Bento para ser pesquisador de Manguinhos. Conta-se que Gaspar Viana, indivíduo extremamente independente, muito respeitado por Osvaldo, protestou com Osvaldo por ter nomeado o filho antes de alguns outros pesquisadores que já estavam há mais tempo e que tinham mais trabalho a oferecer. Osvaldo imediatamente anulou a nomeação. Gaspar Viana morreu em 1914, com 29 anos. Embora fosse muito jovem, Gaspar tinha bastante independência, e morreu deixando uma obra fantástica.

Osvaldo anulou a nomeação do filho, nas ficou uma área de atrito entre grupos. Creio que um grupo se situava em torno de Figueiredo de Vasconcelos e Aragão, e o outro grupo era o pessoal do Chagas. Houve ainda uma questão que abalou muito Manguinhos, que foi a abertura de um concurso. Resolveu-se abrir um concurso para o preenchimento de uma vaga. Pretendia-se que a vaga fosse preenchida não mais de uma maneira puramente pessoal, por vontade de Osvaldo, mas obedecendo ao resultado do concurso. Nessa época trabalhava em Manguinhos Artur Moses. Artur Moses inscreveu-se no concurso e tirou o primeiro lugar. Durante todo o esforço de Moses para ingressar oficialmente nos quadros de Manguinhos, começa a romper-se sua relação com Osvaldo. Com a obtenção de cargo, efetivou-se a ruptura entre os dois. Foi uma ruptura completa. Osvaldo se opôs a nomeação de Moses e botou o peso de todo o seu prestígio, o seu lugar como diretor, dizendo: – “Ou eu, ou Moses. Se Moses entra, eu saio”.

O desentendimento, entre Osvaldo e Moses dividiu o Instituto. Ficaram então esses dois grupos, que continuaram por toda a administração de Chagas. Houve uma tentativa de conciliação. Como eu já disse, Fontes era adversário de Chagas. Quando Chagas morre, Fontes vai ao enterro e há então uma proposição de uma reconciliação geral em torno de Fontes. Mas Fontes foi um indivíduo fraco, não

soube absolutamente aproveitar-se desse clima. E aí, logo depois, eram essencialmente brigas e disputas.

MCM – Essas brigas se consubstanciavam em torno de quê? Poder?

MVD – Acho que era o poder da direção. Com a morte de Osvaldo, entra Chagas como diretor definitivo. Figueiredo de Vasconcelos, que era mais velho do que Chagas, que tratava Osvaldo por você e que sempre substituiu Osvaldo na direção, não se conformou. Obviamente Chagas tinha muito maior nome, e o Figueiredo de Vasconcelos, inconformado, ficou liderando uma ala contra Chagas. Só depois, com a morte de Chagas, é que Figueiredo entrou.

MCM – Essa briga, era claramente uma briga de poder ou se disfarçava...?

MVD – Era uma briga de poder. Poder e prestígio. Poder em função de prestígio, da direção de Manguinhos e de trabalho científico.

TF – O senhor quer dizer que esse prestígio era externo? Era prestígio misto, inclusive?

MVD – Não, porque científico.

MCM – Eles defendiam linhas antagônicas em termos, por exemplo, de qual desenvolvimento a instituição deveria ter?

MVD – Não, aí começa, a meu ver, um lado pessoal. Por exemplo, Figueiredo de Vasconcelos começou a querer diminuir Chagas, principalmente a descoberta de Chagas. Quem de fato viu o Trypanosoma pela primeira vez foi Osvaldo. O material enviado de Lassance por Chagas, quem viu pela primeira vez foi Osvaldo. Seria perfeitamente legítimo que Osvaldo tivesse assinado aquele trabalho em primeiro lugar com Chagas. Mas Osvaldo se excluiu totalmente, e o nome dele não figura. Ficava então o Figueiredo de Vasconcelos dizendo: – “Mas essa doença não deve se chamar só de Chagas, tem que ser Cruz e Chagas!” E depois dizia: – “Ah, bom! A doença de Chagas é um negócio extremamente raro, é uma coisa que só se encontra com muito custo, é uma doença que não tem a menor importância como

problema epidemiológico...” E Afrânio Peixoto então se engajou nessa briga e começou a hostilizar Chagas.

MCM – Afrânio Peixoto era sanitarista, não?

MVD – Ele era essencialmente médico. Tinha um grande prestígio social, era também literato... Enfim, mais literato do que médico.

MCM – Ele foi também professor de higiene, não?

MVD – Sim. Mas, como eu dizia, todas essas lutas representaram o fim de Osvaldo. Osvaldo adoeceu cedo. Aliás, ele era um homem doente, e realmente não teve condições de manter e desenvolver o Instituto.

MCM – E nem, digamos, de apaziguar as tensões ou tomar uma posição que resolvesse a questão para um lado ou para o outro. Quer dizer, ficaram duas facções se digladiando, sem possibilidades no momento de resolver nem para, um lado nem para o outro...

MVD – Exatamente.

TF – Parece-me que se tratava mais de uma briga entre pessoas do que uma briga de opções científicas diferentes, não é?

MVD – As reivindicações de orientação científica começam a aparecer no tempo do Fontes, quando surge a necessidade de se abrir uma linha que atendesse a uma pesquisa contemporânea para aquela época, coisa que então não havia.

MCM – Era a oposição ao Fontes que exigia isso?

MVD – Não só a oposição ao Fontes, mas também a oposição ao Aragão, a oposição a Olímpio... Depois então é que isso passa a ser feito numa base de argumentação científica.

- TF – O senhor citou agora, numa linha só, Fonte, Aragão e Olímpio. Eles eram da mesma facção?
- MVD – Aragão e Fonte eram contra Chagas. Olímpio não. Olímpio foi um indivíduo mais do Chagas, mas se dava bem com todo mundo. Olímpio se dava perfeitamente bem com Aragão.
- TF – Pelo que o senhor disse, a partir de Cardoso, Aragão e Olímpio surgiram reivindicações do tipo científico, mais que pessoais, e essas reivindicações eram mais ou menos da oposição.
- MVD – Exato. No tempo de Aragão elas diminuíram muito, porque Aragão dava o que podia para facilitar ao máximo a ciência. Olímpio também procurava, atender às reivindicações, mas... Tenho a impressão de que a administração de Olímpio Fonseca, uma pessoa de quem gosto muito, a quem admiro, começa com um projeto extremamente ambicioso de modernizar Manguinhos. Mas Olímpio falha, e infelizmente a modernização de Manguinhos acaba não ocorrendo.

O declínio de Manguinhos na verdade, começou já com Osvaldo. Hoje, lembrando, interessado nessa parte de história, sinto o que ocorreu com Manguinhos, que afinal deu nisso que está dando: uma instituição morta. Sim, porque Manguinhos morreu. Tenho a impressão de que Manguinhos nasceu com Osvaldo, mas Osvaldo não era propriamente um pesquisador. ELE entendia muito bem o que era um trabalho de pesquisa, isso é outra coisa. Ele fez um curso no Instituto Pasteur, mas a base de Osvaldo era essencialmente de sanitaria, de um médico que conhecia problemas de epidemiologia. Além disso, Osvaldo tinha um bom conhecimento de técnicas de laboratório clínico, pois ele tinha um laboratório clínico. Por isso, conhecia bem a microbiologia da época. Tanto que desenvolveu uma linha essencialmente de protozoologia, de microbiologia, trouxe Lutz de São Paulo, e o pessoal se formou nisso.

Os trabalhos iniciais de Manguinhos, que tiveram uma grande repercussão, no fundo dependiam de uma tecnologia muito simples. Eram trabalhos de observação quase direta. Protozoologia, naquela, época, era coleta de material e observação do

material. Ou seja, uma parte biológica e uma parte de verificação microscópica, parte de campo, verificação de ciclos. Os estudos de patologia dependiam também, essencialmente, de uma técnica puramente de estudo morfológico. A parte de experimentação em patologia, ainda era muito incipiente naquela época. Então, quando se vê, por exemplo, toda a obra de Lutz, toda a obra de Chagas, a obra de Aragão, de Emílio Godói, de Gaspar Viana, que teve três trabalhos verdadeiramente maravilhosos... eram trabalhos que dependiam de uma tecnologia relativamente simples. Eles tinham uma formação científica, extremamente boa para aquela época, e então puderam, num laboratório, fazer o que fizeram. Quanto ao desenvolvimento da biologia, essencialmente a partir dos anos 20, começa a haver, de um lado, um desenvolvimento extremamente grande da bioquímica – e não havia bioquímica, em Manguinhos. Chagas compreendeu então a necessidade da bioquímica, e trouxe Carneiro Filipe.

Carneiro Filipe fez um laboratório e começou a desenvolver a bioquímica e a ter discípulos. Gilberto Vilela, por exemplo, que é dessa época, formou-se com Carneiro Filipe. Mas o pessoal não estava preparado para aquilo. De outro lado, toda a tecnologia de físico-química, e de uma parte puramente física – por exemplo, aparelhos de registros e de medições físicas que tiveram utilização em problemas biológicos –, tudo isso foi até certo ponto... Não havia uma preocupação de manter Manguinhos em dia com isso. Manguinhos lidera, por exemplo, a protozoologia e boa parte da patologia de doenças infecciosas, até praticamente 1930. Quando a tecnologia essencialmente de físico-química e de bioquímica começou a entrar em Manguinhos, senti que o Instituto estava realmente despreparado. Faltava ao pessoal que dirigia Manguinhos a visão que teve Carlos Chagas Filho.

Carlos sentia perfeitamente que o desenvolvimento do Instituto de Biofísica dependia de uma tecnologia muito mais sofisticada, de um preparo que estaria ligado a algo mais que uma simples observação microscópica, uma simples observação factual de aparelhos de medidas. Ou seja: a necessidade de tornar a pesquisa o mais possível quantitativa do que qualitativa. Esse foi um ponto realmente crítico no desenvolvimento de Manguinhos e deu lugar, é duro dizer, a... Enfim, os diretores não compreendem bem isso, e o Instituto foi-se desgarrando aos poucos.

T.F. – Naquela época em que se buscou Carneiro Filipe não se cogitou de buscar alguém no exterior, por exemplo?

M.V.D. – Não. Por exemplo, na química...

M.C.M. – Não sei se estou enganada, mas lembro-me de Chagas Filho dizendo que o pai mandou Costa Cruz para a Alemanha a fim de estudar bacteriófagos, porque via nisso uma das grandes coisas a serem desenvolvidas. A interpretação de Chagas é de que o pai sentia a necessidade de pôr o Instituto a par do desenvolvimento que estava havendo percebia a queda com o Fontes. Quanto a essa parte de microbiologia a que o senhor se referiu, o Olímpio tinha essa preocupação. Mas parece que sem instrumentar...

M.V.D. – Acho, inclusive, que o Olímpio se perdeu. Ele quis atacar tanta coisa ao mesmo tempo, que acabou se perdendo.

M.C.M. – Ele comprou microscópio eletrônico e não tinha quem operasse, não é?

T.F. – Voltando ao pessoal estrangeiro...

M.V.D. – Miguel, por exemplo, não se preocupava com isso. Ele se preocupava com suas linhas de pesquisa, que bastavam a ele próprio. Fui para o exterior praticamente por vontade própria, muito auxiliado por Chagas.

M.C.M. – Em que ano?

M.V.D. – Fui em 1938, com Brown. Quando soube que Brown fora trabalhar na biofísica, procurei o Chagas e disse: – “Você vai me possibilitar trabalhar junto do Brown.” Chagas deixou, e eu fiquei trabalhando ao lado de Brown durante três meses. Isso depois possibilitou-me a ida a Londres, para trabalhar no laboratório do Brown.

T.F. – Esse tipo de coisa nem sequer vinga em Manguinhos?

M.V.D. – Não. Isso só foi acontecer com o Olímpio, mas de uma maneira meio tumultuada. Olímpio começou a convidar fulano, fulano, fulano, mas nenhum criava raízes. É verdade que Aragão, justiça seja feita, tinha interesse no laboratório de hidrobiologia. Aragão trouxe para a hidrobiologia o francês Pierre Brache, o Danserault, que, junto com Oliveira Castro, teve uma importância muito grande em ecologia vegetal. Que eu me lembre, os nomes convidados na época de Aragão foram esses. No tempo de Olímpio veio, por exemplo, o Pantir. Não sei como surgiu o nome de Pantir, não me lembro se fui eu quem o sugeriu a Olímpio. O fato é que Pantir veio e passou uns dois a três meses no laboratório, e eu inclusive colaborei com ele. Depois Pantir voltou uma segunda vez ao Brasil. Novamente trabalhei com Pantir. Depois ele trabalhou no laboratório de Sawaya. Por tudo isso, Pantir criou raízes. Mas não criou raízes, por exemplo, em Manguinhos. Em Manguinhos havia, não sei, uma atmosfera de ninguém...

M.C.M. – Fala-se muito dessa atmosfera endogâmica de Manguinhos, que não permitia muito gente de fora. O senhor acha essa interpretação correta?

M.V.D. – No tempo do Osvaldo veio gente importante. Osvaldo trouxe o Prowasek, e o Prowasek levou o Rocha Lima. Trouxe o Duerke, da patologia, que foi, parece, um desastre. O Duerke não tinha interesse nenhum em ensinar. Osvaldo trouxe também o Giemse, o Hartmann, que ficou pouco tempo. O Prowasek foi o indivíduo que...

T.F. – ... que teve mais impacto.

M.V.D. – Exato. E depois o Chagas, é verdade, na patologia. No tempo do Osvaldo, patologia era com Gaspar Viana, que morreu muito cedo. No tempo do Chagas, ele trouxe um norte-americano, Crowell, que iniciou as autópsias. Surge então Magarinos Torres, que já estava em Manguinhos, mas que aprendeu bem com Crowell.

T.F. – Parece que o Chagas inicia um outro tipo de ciência, inclusive com uma

preocupação muito maior de integração à ciência internacional.

M.V.D. – É, ele sente necessidade da bioquímica e da fisiologia. E de ter uma patologia...

T.F. – O senhor nunca foi guinchado pela biofísica, em termos efetivos?

M.V.D. – Tenho bastante pena de não ter-me mudado. Chagas me convidou muito, mas...

T.F. – ... mas no início o senhor não quis mudar.

M.V.D. – Não quis. Foi uma resolução muito mais efetiva do que racional.

M.C.M. – O senhor se refere ao Chagas pai ou filho?

M.V.D. – Chagas Filho.

M.C.M. – Mas o Chagas Filho dá a entender que o pai já teria tido essa preocupação, ou seja, Chagas Filho estaria apenas retornando uma linha que foi de certa forma rompida pelos outros.

T.F. – Inicialmente essa inovação é vista como um problema de liderança: quem está no Instituto determine. Depois começam as reivindicações de baixo para cima...

M.V.D. – E um período que poderíamos chamar de romântico, que abrange toda a guerra, até 1945. Realmente a ciência, depois de 1945, muda drasticamente em configuração. Ela se torna uma ciência de uma necessidade muito mais profissional, muito mais premente de uma produção...

M.C.M. – Burocratização, talvez? Talvez o senhor possa contar um pouco sobre o impacto da desacumulação em Manguinhos. É uma coisa que tem sido muito referida, como um fator muito importante de esvaziamento do Instituto, porque...

(Final da Fita 1)

Fita nº 2

Rio de Janeiro, 06/06/77

Lado A

M.C.M. – Chagas atribuía o sucesso do Instituto de Biofísica, em parte, à lei da desacumulação que obrigou as pessoas que não queriam perder o contato com a pesquisa e nem abandonar a universidade a optarem pelo laboratório dele, já que não podiam ficar em Manguinhos com os salários que eram pagos lá, não é?

M.V.D. – Não sinto bem isso, não. Acho que um outro mal de Manguinhos foi, paralelamente a toda essa problemática de perda de liderança– e perda de liderança, estou certo, essencialmente por indivíduos que adotassem uma consciência profissional de ciência mais ativa, como a que Chagas veio a estabelecer no Instituto de Biofísica –, é que em Manguinhos havia ainda aquela situação verdadeiramente romântica, ou seja, o indivíduo não... O Costa Cruz, por exemplo, não dizia claramente, mas dava a impressão de só querer ocupar-se de assuntos que fossem...

M.C.M. – ... maiores?

M.V.D. – Sim, quer dizer... Como eu dizia, o mal de Manguinhos é ser um instituto isolado. O recrutamento de pessoal em Manguinhos era muito difícil. Eu vi por mim. Para eu chegar até lá... Como Moussatché dizia, em Manguinhos se entrava por fagocitose. Botava-se um pseudópode lá, forrava-se um pouco e ia-se até chegar lá dentro. E Chagas teve a grande vantagem de trabalhar numa universidade. O recrutamento de pessoal se tornou então muito mais fácil. Chagas compreendeu a necessidade de uma ciência que não havia mais em Manguinhos, a ciência com consciência profissional, com a necessidade de o sujeito estar no laboratório como um soldado que está na trincheira – isto, mais especificamente, com o Chagas

Filho. Para isso, Chagas dotou o Instituto de todos os recursos técnicos, criando uma situação que foi realmente favorável a ele. Ele sempre fez questão de que os laboratórios do Instituto de Biofísica tivessem os recursos da época, que o pessoal trabalhasse exatamente como se estaria trabalhando... Obviamente, isto agora é muito difícil, com os recursos de que se dispõe, mas em certo ponto, se for possível, o indivíduo trabalha bem. Não há fartura de material, mas faz-se uma ciência que pode perfeitamente integrar-se – e se integra – ao que está sendo feito no exterior. Isso não acontece em Manguinhos. E o recrutamento de pessoal... Portanto, não é tanto a desacumulação a responsável pelo sucesso do Instituto de Biofísica.

M.C.M. – O senhor estava contando que foi aluno da Álvaro Osório, e que gostava das aulas que ele dava. Parece que ele não tinha essa preocupação de recrutar, apesar de ter um pé na Universidade e outro no laboratório. Se ele tivesse essa preocupação, ele teria...

M.V.D. – Mas ele não tinha laboratório nenhum.

M.C.M. – Ele não tinha o laboratório particular dele?

M.V.D. – Tinha, mas terminou em 1933.

M.C.M. – Ah! Sim, essa informação é de 1937. Mas o outro...? Não sei se essa impossibilidade de recrutar era real, porque quem estava em Manguinhos estava na universidade realmente, na Faculdade de Medicina.

T.F. – Um contato haveria, não?

M.C.M. – É. Haveria um contato. A pessoa está dando aula, vê um aluno interessado, e pode então convidá-lo para o laboratório. Aparentemente, não seria esse o problema. Mas, uma coisa que me tem passado muito é que poucas pessoas viviam de seu salário de dar aulas e tiravam prazer da experiência de trabalhar em Manguinhos. Com a impossibilidade de acumular, e tendo em vista que ninguém pode viver só

de prazer, a pessoa tinha que abrir mão daquilo, a não ser esses tais que são descritos como pessoas da família de recursos e tudo mais, esses tais apóstolos e discípulos.

M.V.D. – Mas eu acho que na época da desacumulação... Não sei, quer dizer... Manguinhos perdeu o Olímpio da Fonseca, perdeu também o Costa Lima... Mas Costa Lima continuou trabalhando em Manguinhos, em casa.

M.C.M. – No tempo do Carlos Chagas, quem são?

M.V.D. – Não vejo na desacumulação nenhum fator crítico. Pode ter influído, mas crítico, significativo, não sei.

T.F. – Uma coisa em que fiquei interessado agora é que, a partir de Cardoso, surge uma reivindicação de, digamos, modernização, e esta veio de baixo. Como é que foi isso? Como se manifestou? Como é que isso foi recebido? Quem fazia?

M.V.D. – Eram grupos mais jovens que ficavam criticando, batalhando em cima da falta de recursos no laboratório, ou então reivindicando um tipo de laboratório. Nossa crítica era então muito acerba, e a metodologia passava abaixo. Quer dizer, que tipo de metodologia está se fazendo a não ser a de Genésio Pacheco? Quanto ao resto, havia uns trabalhos que achávamos absolutamente vexatórios. O indivíduo se media por quilos de trabalho, mas o trabalho dele não tinha maior significação. Então, a gente sente que, em Manguinhos, já naquela época, a parte de microbiologia era essencialmente bioquímica. Veio então uma outra parte, também significativa, muito mais do que a desacumulação: é que Manguinhos não prende indivíduos como Amadeu Curi, como Firmino de Castro, e Lobato Paraense. Estes saíram do Instituto e foram fazer muito bom trabalho em outras instituições.

M.C.M. – Várias pessoas com quem conversamos em São Paulo dizem que nesse momento optaram por uma ida para São Paulo porque não viam condições de trabalhar aqui. O senhor optou por ficar, o Moussatché também. Como o senhor descreveria essa opção?

M.V.D. – Puramente romântica. Tirei agora as minhas últimas coisas de Manguinhos. Tenho um grande amigo, o qual eu gostaria que vocês ouvissem e que, a meu ver, é muito importante, não só por ser meu amigo – Jorge Guimarães, que foi de Manguinhos e que atualmente é professor na Universidade Federal Fluminense. Jorge Guimarães me dizia: – “Mário, tira da cabeça esse negócio de Manguinhos, porque o que você tem é um processo de retorno ao útero materno. Isso não tem sentido. Aquilo está morto. Você está perdendo tempo”. Realmente. Quando se trabalha quarenta anos, para então ver uma instituição se desagregar e morrer desse modo, a gente sente.

T.F. – O senhor poderia falar um pouco sobre Jorge Guimarães? Por que ele é importante?

M.V.D. – É o seguinte: Jorge Guimarães formou-se em patologia, e logo depois, acho que ainda estudando, ele já...

T.F. – Quando? na mesma época?

M.V.D. – Não. Ele é uns dez ou 13 anos mais moço que eu. Jorge Guimarães formou-se em patologia e passou três anos na Inglaterra estudando essencialmente processos de radiação sobre células e tecidos. E, quando voltou, não teve a menor condição de fazer aquilo em que estava trabalhando na Inglaterra. Então ele ficou lutando. Trabalhou um pouco em Manguinhos, depois foi para o Instituto do Câncer, depois para a Universidade de Brasília. Ele teve que sair da Universidade de Brasília naquela crise, acho que de 1969, e atualmente é professor de histologia na Universidade Federal Fluminense. Ele tem muito boa crítica sobre o desenvolvimento da filosofia da ciência, e acho que seria extremamente importante ele também dar um depoimento.

M.C.M. – Mas naquela época o senhor achava que essa opção era romântica, ou não?

M.V.D. – Não.

T.F. – Agora é uma interpretação *a posteriori*. Na época, como é que o senhor via essa opção de ficar no Rio, de não ir para São Paulo?

M.V.D. – De São Paulo eu nunca cogitei. É uma cidade em que eu não gostaria de morar. O que eu realmente deveria ter feito, no caso pessoal, era atender ao convite que Chagas tinha feito inicialmente.

T.F. – Nunca lhe tinha sido feito um convite de ir para São Paulo?

M.V.D. – Para São Paulo, não. Mas, se eu me dispusesse, acho que teria recebido vários convites para ir para São Paulo. É uma questão de apego. Apego à amizade do Osório, à instituição, e a vontade de continuar lutando pela instituição. Eu de um lado e outros, como por exemplo o Moussatché, que lutou praticamente toda a vida que passou em Manguinhos, e Herman Lent. São uns cabeçudos que tentaram em vão. Ainda há pouco tempo havia uma possibilidade de Manguinhos sair da crise. Essa possibilidade surgiu com o professor José Cora. Acho que se Manguinhos tivesse passado, há uns poucos anos, para a esfera do Conselho Nacional de Pesquisa, ele teria condição, essencialmente como um núcleo para pós-graduação, de remover-se e sair da crise.

T.F. – Retomando o fio da meada, nós estávamos exatamente...

M.V.D. – ... em 1947. Falávamos do meu trabalho com Brown. Depois fui para a Inglaterra e fiquei lá nove meses.

T.F. – Aonde?

M.V.D. – Em Londres, fiquei no National Institute for Medical Research, no laboratório do Brown, um laboratório, onde estudei a parte de transmissão neuromuscular. Fiz ainda um estágio de pesquisa que foi extremamente útil para mim. Quando voltei, senti a dificuldade de encontrar equipamento para trabalhar, equipamento de eletrofisiologia. Passei então uns anos trabalhando no Instituto de Neurologia. Ali

havia recursos e equipamentos que me faltavam em Manguinhos.

M.C.M. – Isso era ligado à Faculdade de Medicina?

M.V.D. – Era, ao Instituto de Neurologia. O diretor era Deolindo Couto. Fiquei um certo tempo lá. A partir de 1952, fiquei uns sete anos lá. Quando saí, eu já estava na Fluminense de Medicina. Fiz concurso para a Universidade Federal Fluminense em 1956, e isso, em termos de orçamento, foi extremamente importante na minha vida, mas não em termos de trabalho.

M.C.M. – E no Instituto de Neurologia?

M.V.D. – Fiquei uns sete anos trabalhando no Instituto de Neurologia. Acho que produzi bem lá. Mas o clima não foi lá..., e eu acabei saindo.

M.C.M. – Nesse tipo de trabalho havia possibilidade de desenvolver uma escola, em sentido não muito pretensioso, mas em termos de formar pessoal dentro do Instituto de Neurologia, que era ligado à Faculdade?

M.V.D. – Sim, havia. Só que a direção era completamente... Tenho a impressão de que lá se compreendia a ciência como um enfeite e não propriamente como uma necessidade. É pena. Tive dificuldades, mas foi uma época em que tive gente trabalhando comigo – Giberarti, Mauritano Ferreira, Eduardo Osvaldo Cruz, que no princípio chegou a freqüentar um pouco o laboratório, Renato Barbosa... E fiz outros trabalhos, por exemplo com Gerson Teixeira. Enfim, foi um tempo muito agradável para mim, a parte em que eu me isolava no laboratório de fisiologia. E o laboratório deu bom rendimento.

M.C.M. – Mas era um trabalho isolado?

M.V.D. – Era um trabalho com o pessoal que trabalhava comigo, um pequeno grupo. Não havia muito clima para um desenvolvimento. Mas eu fazia o trabalho em equipe. Basicamente com Giberarti, Mauritano Ferreira e Renato Barbosa.

M.C.M. – O Instituto de Neurologia surgiu na mesma época do Instituto de Biofísica, não é?

M.V.D. – Alguns anos depois. Em 1945, 1946.

M.C.M. – Não no laboratório, mas o instituto, não é?

M.V.D. – Sim, no Instituto de Neurologia.

M.C.M. – O Chagas teria tido a preocupação de realmente formar uma escola, enquanto que o Instituto de Neurologia não?

M.V.D. – Exato. A preocupação do Chagas era realmente a de formar uma equipe com capacidade de produção, e isso ele conseguiu. Uma coisa que eu acho extraordinária no Chagas foi a não-preocupação de ter um prédio. O Instituto de Biofísica, até a saída da praia Vermelha, era repartido, espalhado, e muita gente às vezes dizia: – “Mas você não tem um prédio?” Isto porque todo mundo queria ter um prédio.

T.F. – O senhor, nesse meio tempo, mantinha vinculação com Manguinhos?

M.V.D. – Mantinha.

T.F. – Que tipo de vinculação?

M.V.D. – Eu às vezes deixava... quer dizer, tinha gente que trabalhava lá no laboratório, seguindo essencialmente a parte de epilepsia em rã, que eu continuava a fazer. Mas toda a parte que dependia de um equipamento que só se encontrava no Instituto de Neurologia, eu fiz.

T.F. – Havia trabalhos que o senhor levava parte para lá e parte para cá.

M.V.D. – Sim.

T.F. – Não eram trabalhos isolados?

M.V.D. – Não. Eu fazia uma parte lá e outra parte cá.

T.F. – E aí? O senhor foi para a Fluminense...

M.V.D. – Fui para a Fluminense, e como eu dizia na época, da Fluminense eu só tinha o ordenado. Eu só me valia do ordenado, pois não tinha a menor condição de trabalho. E, simultaneamente, Manguinhos ia piorando, progressivamente. De vez em quando vinha um... Havia diretores, como por exemplo Amílcar Viana Martins e Joaquim Travassos da Rosa, que às vezes procuravam suprir de resultados, de (?). É verdade que o Conselho também dava material. Mas, como eu dizia, comecei a ser envolvido pelo ensino. Tendo saído do Instituto de Neurologia e, estando difícil a situação em Manguinhos, passei a me dedicar mais ao ensino. Depois de 1964 a situação em Manguinhos ficou realmente crítica. Manguinhos viveu um período tenebroso, com o Dr. Rocha Lagoa. Quer dizer, realmente não foi ele quem acabou com Manguinhos. Como eu disse, a história de Manguinhos é completamente diferente. Mas que Rocha Lagoa acelerou o fim de Manguinhos, obviamente que acelerou. Em 1968, pensando em aposentar-me na Fluminense – contando com meu tempo de Manguinhos – e ficar em Manguinhos, o diretor da Faculdade de Medicina, Íris Martins Ferreira, do Instituto de Biofísica, disse: – “Mário, vamos fazer uma coisa. Você não se aposenta, quem vai se aposentar sou eu. Vem aí a reforma universitária, você agüenta com isso”.

Aí veio uma esperança, que era o reitor Manuel Barreto Neto. E fiquei então na direção do Instituto Biomédico durante dois anos e meio. Isso me deu muita esperança. Lá estavam, entre outros, Jorge Guimarães, Giberarti, este de Manguinhos, mas depois veio outra direção e mudou tudo. Mas, antes de voltar, só para falar de meu término em Manguinhos, quando deixei a direção do Instituto Biomédico da Fluminense, onde eu estava em comissão, e me apresentei em Manguinhos, de volta, o Rocha Lagoa, então ministro da Saúde, me transferiu para a saúde mental, onde estou até hoje. Esquecido, felizmente.

M.C.M. – O senhor voltou à psiquiatria da juventude...

M.V.D. – Sim. Mas nesse ciclo, se vocês quiserem, podemos agora abordar certos tópicos focalizando determinadas épocas ou fatos que talvez sejam...

T.F. – Minha sugestão é que, em vista da hora, a gente interrompa aqui.

(Fim da 1ª Parte da Entrevista. Continua no mesmo lado da fita).

2ª PARTE

RIO DE JANEIRO, 14/06/77

T.F. – O senhor poderia falar um pouco sobre o Museu Nacional?

M.V.D. – Retornando a conversa, especificamente sobre a fisiologia devo dizer que, embora nossas Faculdades de Medicina do Rio e da Bahia tivessem sido fundadas bem no início do século XIX, elas não faziam o menor trabalho de pesquisa. E me parece que Pedro II, interessando-se pela parte de ciência biológicas – ele tinha conhecimento com Pasteur, e em 1870 acompanhara um curso de Claude Bernard –, obviamente ficou impressionado por Claude Bernard. Pedro II procurou então fazer um Instituto de Fisiologia, o qual ele pensava criar no Museu Nacional. Existe uma documentação que foi encontrada por Miguel Osório na Biblioteca Nacional cujo levantamento acho importante fazer. Num livro de Dubois Reimond, fisiologista alemão, Miguel Osório encontrou uma carta do autor ao imperador (esse livro pertencia à coleção Teresa Cristiane). Nessa carta, Dubois Reimond fala em livros, publicados dele ao imperador, e refere-se a um projeto de um Instituto de Fisiologia que o imperador lhe teria pedido e cujas plantas ele manda, acho, do Instituto de Berlim.

T.F. – Do Instituto de Berlim? Do Kaiser (?). Institut?

M.V.D. – Não sei. Creio que não era do Kaiser (?) Institut. Não me lembro direito do texto dessa carta. Há um trabalho de Miguel Osório que está em um de seus livros –

Homens e Coisas da Ciência –, que traz uma crônica sobre esse documento e dá a tradução dessa carta de Dubois Reimond. Mas o imperador tentou. Ele estava procurando interessar Pasteur para vir para o Rio a fim de estudar a febre amarela. E procurou então alguém que pudesse vir para trabalhar em fisiologia. Assim, através de Vulpian, fisiologista francês, houve uma indicação inicial de Darson Hall, que era discípulo de Claude Bernard. Darson Hall não aceitou e veio então Luís Couty. Luís Couty chegou ao Rio em 1870. Veio para ser professor de uma cátedra – biologia industrial – na Escola politécnica. Couty não veio, realmente, para fisiologia. Mas na Politécnica ele não tinha absolutamente meios de trabalho de pesquisa, trabalho experimental. Então, procurando aqui no Rio local onde pudesse trabalhar, Couty tomou conhecimento de João Batista de Lacerda, e foi encontrá-lo no Museu Nacional. João Batista de Lacerda era um médico que se interessava por pesquisa e já estava trabalhando nisso em condições extremamente modestas. Da conversa entre os dois é que surgiu um plano de se fundar um laboratório de fisiologia no Museu Nacional. A proposta foi feita ao imperador através do diretor do museu, Ladislau Neto, e o imperador acolheu-a muito bem. Funda-se então o laboratório de fisiologia experimental no Museu Nacional. Esse laboratório se inicia, se não me engano, em 1878. Couty morre em 1884 e o laboratório, formalmente, creio que termina por volta do fim do século XIX. Mas os trabalhos de fisiologia acabam de fato com a morte de Couty e com o desinteresse do Lacerda por fisiologia, paralelamente ao grande interesse que ele tinha por bacteriologia, microbiologia. Eu estudei a parte do Lacerda e do Couty. Inicialmente estudei Couty, pois ele me atraía mais.

Couty era, realmente, uma personalidade fascinante. Não só por ser um fisiologista e um grande trabalhador – ele publicou uma série de trabalhos importantes – como também pela grande curiosidade que o caracterizava. Couty passou a estudar avidamente o meio e fez trabalhos sobre escravatura, sobre o mato, sobre o café, sobre o charque. Ele terminou com um livro – *O Brasil Agrícola*, de 1884 – que é um verdadeiro apanhado sociológico e econômico do Brasil nessa época. É verdade que Couty era um homem profundamente influenciado pelas idéias do Gobineau, mas mostra que o trabalho escravo é um trabalho economicamente deficitário. Couty analisa vários tópicos de economia, e isso é muito importante.

Mas, voltando á fisiologia, ao estudar. Couty tive minha atenção voltada para o Lacerda, que constituía um exemplo muito interessante do que um indivíduo pode

fazer e poderia ter feito naquela época. Lacerda era um médico sem a menor formação experimental. Sua formação era puramente de leitura e ele foi um autodidata. Depois ele conheceu Couty. Couty era um fisiologista formado de acordo com a maior escola fisiológica daquela época, a escola francesa. Lacerda, que trabalhava isoladamente, começou a trabalhar com Couty. Mas depois ele voltou a trabalhar isoladamente e começou a verificar... Por exemplo, ele foi o primeiro a verificar que o veneno de cobra tinha efeito hemoaglutinante. Isso era extremamente simples: ele tomava uma gota de sangue, pingava sobre ela uma gota de veneno de jararaca ou de cascavel, e verificava imediatamente a aglutinação de todos os glóbulos vermelhos. Lacerda verificou que o veneno de cobra contém um fermento em tudo parecido com a tripsina. Tomou um pedaço de carne, misturou com o veneno de cobra e observou que havia digestão na carne. Esses dois trabalhos de Lacerda, descrevendo pela primeira vez a propriedade hemoaglutinante de certos venenos de cobra, ou então a existência de fermentos trípticos no veneno de cobra, não foram simplesmente achados em primeira mão, não. Eles foram achados, foram publicados, tiveram uma divulgação perfeita para a época, e abrigaram o caminho da pesquisa para os pesquisadores estrangeiros – europeus, norte-americanos – nesses dois assuntos. Hoje, quando se vê, por exemplo, bibliografia de venenos trípticos ou de enzimas trípticas, ou então de hemoaglutinantes, a literatura estrangeira começa citando Lacerda. Realmente Lacerda foi quem começou, e ele abriu um caminho novo extremamente importante.

Lacerda descobriu ainda que o permanganato, aplicado a feridas por mordeduras de cobra, tem o poder de antagonizar o veneno. A aplicação do permanganato constituiu, até a descoberta da soroterapia por via oral, o único recurso para tratamento de veneno de cobra. Com Couty, Lacerda fez um trabalho básico sobre o curare, mostrando quais são as plantas fundamentais empregadas no trabalho do curare. Entretanto, pelo exame da documentação existente no Museu Nacional, sente-se perfeitamente o ciúme que se criou em Couty em relação àquela pessoa tão simples, tão simplória, que, apesar de não ter nenhuma formação profissional, descobriu coisas e saiu, assim do modo mais simples, e começou a abrir caminho. Mas o Couty, é uma parte humanamente compreensível, sentia ciúme do que Lacerda fazia. Couty morreu e Lacerda, por influência dos trabalhos de Pasteur, que eram de tal monta, foi arrastado para microbiologia. Mas a microbiologia já

era uma parte da biologia que requeria uma técnica toda especial, que faltava a Lacerda. Então Lacerda começou a fazer os trabalhos mais desastrosos em bacteriologia. Começou a descrever o micróbio da febre amarela, o micróbio do beribéri, o micróbio da raiva... Lacerda achava que se podia ter uma microfotografia com um pequeno aumento e ampliar essa microfotografia, em vez de empregar uma objetiva de maior resolução. Realmente...

Mas esse pequeno período em que funcionou ativamente o laboratório de fisiologia serve para mostrar como era possível fazerem-se coisas muito importantes, coisas que tiveram a maior influência na ciência do resto do mundo. Mas o trabalho no laboratório parou. Ou seja, não houve ali, depois, nenhum cuidado de se desenvolver ou de se procurar desenvolver... O laboratório se alicerçou. Extinguindo-se o laboratório, a pesquisa experimental no Museu Nacional também acaba. Lacerda, ocupando a direção do Museu Nacional, envolvido com a burocracia, esqueceu-se dela, talvez. Com isso, a pesquisa experimental no Museu Nacional realmente acaba.

M.C.M. – E o tão falado interesse do Imperador? O senhor não descobriu nada a respeito?

M.V.D. – É verdade que o Imperador, já em meados da década de 1880, era um homem muito doente. Ele era diabético, e caiu muito, fisicamente. Dormitava nas sessões, a atenção lhe era penosa. Pedro II envelheceu muito cedo, e morreu relativamente moço. Nasceu em 1825 e morreu em 1891, com sessenta e seis anos. Pode-se ver hoje, uma pessoa com sessenta e seis anos com aquela barba branca!

T.F. – Isso significa que a fisiologia deu uma parada e só foi retomada...

M.V.D. – ... pelos Osórios.

T.F. – Eu queria dar um pouco de continuidade a isso e saber onde desaguou a fisiologia. Além, evidentemente, da sua própria contribuição e da contribuição do professor Moussatché, aparentemente houve uma transferência dessa linha de pesquisa mais para o Instituto de Biofísica e ali sofreu uma certa transformação, numa maior diferenciação. O senhor poderia falar um pouco sobre isso?

- M.V.D. – Aqui no Rio foi Chagas quem fundou a parte de biofísica e também muita pesquisa em fisiologia.
- T.F. – Havia naquela época uma diferenciação? Fazia-se diferença entre biofísica e fisiologia, ou não?
- M.V.D. – Biofísica era algo que... Havia, no currículo de medicina, a física biológica. Nós estudávamos a aplicação da física ou dos aparelhos à medicina. A biofísica era uma especialidade que estava surgindo essencialmente na década de 20. Tendo-se aberto essa oportunidade para Chagas fazer o concurso, ele o fez para física biológica, mas depois mudou para biofísica, sabendo que na biofísica ele tinha realmente um campo todo vasto para empregar...
- T.F. – A biofísica já existia internacionalmente como um campo novo?
- M.V.D. – Estava começando. Havia já alguns trabalhos. Mas a biofísica era considerada... Quer dizer, se havia alguns laboratórios de biofísica com essa denominação, a biofísica caía em pleno território da fisiologia. Os trabalhos que Chagas fez podiam ser perfeitamente rotulados como trabalhos de fisiologia. Mas o que Chagas procurava era, na biofísica, fazer o que se poderia também chamar de fisiologia geral, quer dizer, uma fisiologia celular ou tissular e o mais possível quantitativa. A focalização era então numa estrutura mais simples a célula ou os tecidos –, não focalizando o que se poderia considerar como essencialmente da fisiologia na integração de uma função com a sua regulação, com o seu controle, nos sistemas, nos aparelhos. Hoje em dia, a fisiologia se diferencia bem da biofísica nesse sentido. Na fisiologia pode-se estudar, por exemplo, a regulação da atividade do coração, a regulação da pressão sanguínea, enquanto que a biofísica vai mais para o processo mais íntimo da célula e do tecido.
- T.F. – É interessante que essa física biológica parece que começou muito dentro de uma perspectiva pragmática de familiarização com a aparelhagem.

M.V.D. – No início era mesmo física médica que se chamava.

T.F. – E nem tinha muito de física. Acho que era mais questão de saber como funciona medição de temperatura, a aparelhagem de raios X, que, parece-me, estava começando, não é?

M.V.D. – Era isso, exatamente.

T.F. – Era no fundo a identificação com uma tecnologia, não é? E esta cadeira foi gradativamente absorvida...

M.V.D. – É interessante notar que, na Inglaterra, a fisiologia nas universidades esteve durante muitos séculos ligada à histologia. Havia então uma cadeira e um departamento de histologia e fisiologia. A fisiologia só se tornou um departamento independente creio que já francamente iniciado o século XX, enquanto que nas nossas faculdades, na tradição francesa, nós temos a fisiologia já como uma cadeira perfeitamente definida desde o princípio. Desde 1908 as faculdades que são criadas já tem a cadeira de fisiologia.

Mas, em relação à sua pergunta, no Rio tem-se então uma parte que Chagas Filho realmente tomou por influência de Osório. Quer dizer, as duas pessoas que o influenciaram muito foram Carneiro Filipe e Miguel Osório de Almeida, em Manguinhos. Chagas Filho iniciou-se em Manguinhos. E, em São Paulo, Thales Martins, que começou fisiologia com Osório. Mas Thales Martins começou bastante... não se pode dizer que ele tenha sido discípulo de Osório. Thales Martins ficou logo independente. Ele conheceu os irmãos Osório, mas a linha de pesquisa dele já era em secreções internas, em músculos. Miguel Osório e Thales fizeram trabalhos de colaboração, mas Thales já era uma figura que, por sua própria individualidade, se isolava. Ele trabalhou algum tempo em Manguinhos e depois foi para São Paulo, onde fundou a parte de fisiologia no Butantã. A tradição lá é transmitida através de Ribeiro do Vale. A tradição dos Osórios chega efetivamente através de Thales, e a figura central é Ribeiro do Vale. E também, por outro lado, através de Maurício Rocha e Silva. Maurício Rocha e Silva, sendo carioca, desenvolveu-se em São Paulo. Ele não é discípulo dos Osórios. Mas as duas linhas

em São Paulo, que eu me lembre, são através de Thales Martins, Ribeiro do Vale e depois Maurício Rocha e Silva. É preciso de Miguel Osório e professor na Escola Paulista de Medicina. Paulo Enéas Galvão fez uma atividade de pesquisa também muito importante, mas praticamente não deixa discípulos. Ele fez um ou outro trabalho de colaboração, mas não forma gente.

T.F. – Não sei se a minha percepção está correta, mas eu me pergunto se esta geração de fisiologistas não terminaria justamente por essa tendência de cada vez mais ir para a estrutura, que o senhor chamou íntima, dos órgãos. Ou seja, a tendência da fisiologia é especializar-se cada vez mais a nível de histologia, tecidos...

M.V.D. – Exato. Descer para o processo o mais íntimo possível. E também a tendência de tornar o fenômeno mensurável quantitativamente, quer dizer, com maior rigor na sua apreciação.

T.F. – Isso explica a atual escassez de fisiologistas gerais nesse sentido?

M.V.D. – Acho que não, porque há outros setores que seriam relativamente mais férteis e que não têm um desenvolvimento. Por exemplo, no setor de fisiologia, biofísica, bioquímica e farmacologia há de fato um número de pessoas que trabalham, mas creio que de um modo geral, no Brasil, os mais representativos, os que tiveram maior repercussão, são os trabalhos dos Osórios, dos Chagas, de todo o grupo do Chagas, do grupo de São Paulo, de Ribeiro do Vale e de Maurício...

(Final do Lado – A)

T.F. – Mais do que bacteriologia?

M.V.D. – Acho que sim.

T.F. – Apesar da tradição de Manguinhos?

M.V.D. – Não. Existe muita gente fazendo bacteriologia e microbiologia, mas creio que os

trabalhos nessas áreas não têm tido uma representação, uma influência lá fora. Não são trabalhos que alcançaram repercussão.

T.F. – Haveria uma explicação, talvez tecnológica ou científica, para essa falta de qualidade, de relevância?

M.V.D. – Não sei... Chagas, por exemplo, em todo o seu trabalho, procura amparar com uma tecnologia extremamente bem cuidada toda a sua equipe. Daí que, de um modo geral, são trabalhos de primeira ordem os que saem do de Biofísica. O mesmo ocorre, por exemplo, em relação à parte de Maurício Rocha e Silva, de Ribeirão Preto, e toda a escola de Ribeiro do Vale.

T.F. – Da Escola Paulista de Medicina?

M.V.D. – Exato. Ribeiro do Vale está intimamente associado com Leal do Prado na parte de bioquímica. Então, há realmente um departamento que funciona muito bem e que tem muito boa produtividade de trabalho.

T.F. – Como é que se dá essa evolução comparativa entre a microbiologia e a fisiologia lá fora? No exterior essas duas linhas continuam esse tempo todo com o mesmo vigor ou há também deslocamentos mais para a área de fisiologia ou mais para a área de microbiologia?

M.V.D. – Creio que no exterior é tão grande o número de especialistas nessas áreas, que elas podem distinguir-se pelos laboratórios, que se destacam uns mais que os outros. Mas, aqui no Brasil, não sei. Acho que dependeu da falta de pessoas que tivessem assumido o papel de líderes, como foi o caso de Chagas e Maurício Rocha e Silva. Ocorreu-me a idéia de fazer em duas colunas o que estava sendo produzido no Brasil em termos de biologia, sob o ponto de vista de técnicos e de relevância de resultados, em relação à produção estrangeira – européia ou norte-americana –, a fim de verificar a defasagem dos novos campos. Acho que isso seria muito importante. Observe, por exemplo, Lacerda. Lacerda abre vias, e durante um tempo ele se conserva em primeira linha. Depois vem um vácuo. Vem depois o

início de Manguinhos, e a protozoologia em Manguinhos vai na dianteira, vai na liderança mundial durante alguns anos. A protozoologia em Manguinhos realmente lidera as idéias em protozoologia. Quando se pega, por exemplo, um livro do Enior, que é um protozoologia clássico da década de vinte ao início dos anos trinta, o que se vê de citação de brasileiros trabalhando no Instituto Osvaldo Cruz é uma massa crítica muito grande. Mas Manguinhos perdeu todos eles. A protozoologia hoje em Manguinhos não tem mais ninguém. Não sobrou ninguém, e já não sobra ninguém há muito tempo.

M.C.M. – Seria possível continuar a fazer um trabalho tão inovador nessa especialidade, ou esta é uma especialidade acabada?

M.V.D. – Não, não é uma especialidade acabada. É especialidade que está ganhando cada vez mais importância. O que acontece é que já há todo um refinamento. Hoje em dia estuda-se um protozoário não só do ponto de vista da forma, do ciclo, mas de um ponto de vista praticamente bioquímico, ou imunológico. Então, com o refinamento da técnica, cresce a exigência, a sofisticação...

T.F. – Essa sofisticação se introduz por volta de que época?

M.V.D. – Creio que essencialmente a partir dos anos trinta, e principalmente a partir dos quarenta.

T.F. – Isso significa que a partir dos trinta, quarenta, nós ficamos para trás?

M.V.D. – Em Manguinhos, por exemplo, sim. E até muito antes, quando a microbiologia, no Instituto Osvaldo Cruz, torna-se fraca em relação ao que era feito em outros lugares.

M.C.M. – O que o senhor disse refere-se ao problema do instrumental técnico. E o problema do objeto? Em fisiologia esses trabalhos em que os brasileiros se destacaram eram sempre relacionados com questões brasileiras, quer dizer, o João Batista Lacerda com venenos, que eram um problema nosso; depois os irmãos Osório de Almeida,

com o metabolismo do homem tropical; Chagas também pegou um objeto de certa forma brasileiro. O senhor acha que isto tem alguma coisa a ver com a possibilidade de inovar?

M.V.D. – Mas a produção do Chagas Filho sempre foi contemporânea. Os trabalhos dele são trabalhos mais gerais.

T.F. – Acho que, de um ponto de vista mais imediato, os trabalhos de Chagas entram num campo mais genérico, e não especificamente de ciência brasileira.

M.C.M. – Mas, e para o princípio? Não me refiro à ciência brasileira, mas ao objeto. Ciência brasileira seria uma...

T.F. – Sim, mas mesmo isso. Imediatamente ele parte para uma pesquisa de tipo celular, que apesar de ter surgido do peixe elétrico seria factível de se fazer em qualquer outro centro e com outros tipos de células, mas na mesma linha e no mesmo feitio de pensamento.

M.V.D. – Mas ele tem muitas outras linhas além do peixe elétrico. Eu também procurei trabalhar muito em animal tipicamente brasileiro. A gente trabalhava com muita curiosidade, e tinha certeza de que o que descobria era assunto interessante, estava sendo visto pela primeira vez. Mas realmente há necessidade de exploração não só dessa linha, que vem sendo conduzida muito bem com Carlos Eduardo Rocha Miranda e Eduardo Osvaldo Cruz. Eles trabalham também com gambás, mas com um nível de sofisticação, de puro e de técnica muito bom. Entretanto, em outros setores cai. Por exemplo, microbiologia e patologia, acho que ficam... A patologia também teve uma parte inicial de destaque, e ainda há muitos trabalhos importantes de patologia. Mas essa patologia mais refinada que começa, e também a patologia experimental, não...

Falando nisso, uma coisa que sempre observei em Manguinhos foi uma deficiência geral no terreno da química. E sempre me perguntei por que não surgiu uma linha, uma orientação, uma política especialmente destinada ao desenvolvimento da química, já que a química, a meu ver, é um setor fundamental não só em biologia

como em tecnologia. Por exemplo, quando eu trabalhava com estriçnina, precisava de metil-estriçnina, que é a estriçnina metilada. Não consegui no Rio de Janeiro, e mesmo em São Paulo, quem fizesse uma operação que era banal. E já havia químicos que poderiam fazer isso. Quintino Mingóia, por exemplo, era um. Mas ele simplesmente estava ocupado demais com os próprios problemas para fazer isso. Mas Quintino Mingóia, que era um químico-farmacêutico extremamente competente, era o exemplo único. Quando me lembro em extração de princípios naturais de plantas e animais, estabelecer fórmulas e dessas fórmulas passar para a síntese, acho que o Brasil se ressentiu tremendamente disso. O Conselho Nacional de Pesquisa talvez cuidasse disso, mas acho que ele não desenvolveu isso como deveria, como meta prioritária, nos anos cinquenta, sessenta. Se houve uma escola, e existe essa Escola de Física extremamente boa, em química... Acredito que o desenvolvimento da química, comparado com o da física, no Brasil, perde. Ambas não têm o mesmo desenvolvimento.

T.F. – No entanto houve esforço em Manguinhos de começar a trabalhar também nessa área, na parte de bioquímica.

M.V.D. – Mas acho que ficou reduzido a Vilela. Nunca houve uma preocupação da direção de Manguinhos como a que Chagas teve. Embora Chagas estivesse no Instituto de Biofísica, o número de trabalhos de bioquímica que saem daí é muito grande. Chagas sentiu desde o primeiro momento que a bioquímica era uma especialidade fundamental para a própria biofísica dele. A biofísica e a bioquímica estão intimamente relacionadas, elas não se distinguem.

M.C.M. – O senhor tem alguma hipótese sobre esse não-desenvolvimento da química no Brasil?

M.V.D. – Acho que a química não se desenvolveu por si só devido à sua complexidade. A física vai se desenvolver com o Wataghin, que, quando chegou aqui, trouxe o Chialini. Depois vêm outros físicos; e então se desenvolve toda uma escola em São Paulo, que depois passa para o Rio. Então a física vai. Mas vai com um início que pode ser marcado por Wataghin e por Chialini. Na química isso nunca se deu. Há

bons químicos estrangeiros que aqui trabalhavam, mas que nunca deram um resultado desses. Veio aqui, por exemplo, o Fritz Feigl, que foi um grande químico, mas ele continua trabalhando nos seus problemas, e não cria nenhuma escola.

T.F. – Isso parece que é muito devido à personalidade dele, não?

M.V.D. – É. Enquanto que o Wataghin era um indivíduo extremamente aberto e o Chialini também.

T.F. – Mas o Mingóia não poderia ter sido o Wataghin da química aqui?

M.V.D. – Acho que Mingóia não tem a mesma dimensão. Por muito valor que ele tivesse... Eu nem sei se Mingóia é vivo ainda...

T.F. – É vivo. Ele esteve aqui em São Paulo há pouco tempo e nós temos uma fita gravada com ele.

M.V.D. – Ele está na Itália?

T.F. – Ele está na Itália, mas esteve aqui há pouco tempo.

M.V.D. – Eu gostava muito de Mingóia... Mas acho que a dimensão do Wataghin era uma coisa extraordinária. Ele pôde pegar aquele grupo... Mas acho que valeria a pena pesquisar comparativamente Wataghin e Mingóia, ou pelo menos estabelecer certos dados, certas premissas, mostrando as diferenças entre os dois. Quando eu respondo que é falta de liderança é uma coisa sem grande base. Não estou alicerçado em base de pesquisa.

T.F. – Uma coisa que nos intriga muito é que tivemos em Manguinhos figuras como Osvaldo Cruz e Chagas, que eram pessoas com liderança, e imediatamente depois há um vácuo de liderança muito grande. A que se atribui isso? Por que esse vácuo de liderança? Por que, apesar dos pesquisadores que lá estavam, entre os quais

gente extremamente competente, não há uma liderança científica?

M.C.M. – Mas será que é falta de liderança ou excesso de liderança? Talvez, na época de Oswaldo Cruz, se tivesse apenas o Oswaldo Cruz capacidade para...

M.V.D. – Oswaldo é um fenômeno. Ele me aproveita da parte bubônica, da febre amarela, e com o gênio dele faz o Instituto Oswaldo Cruz. Ele veio de um período crítico que ele soube aproveitar. A questão do perigo da doença, por exemplo, ele era capaz de resolver. Oswaldo acabou com a febre amarela no Rio e também evitou a peste bubônica, trabalhando com Rodrigues Alves. Ele foi um líder. Eu já não vejo o Chagas no mesmo plano de Oswaldo. Chagas não pegou o Instituto com a mesma força que o Oswaldo tinha no princípio. Chagas Filho, sim. Chagas Filho foi realmente um líder para isso. Veja, por exemplo, o que aconteceu em São Paulo: houve a broca de café, e Artur Neiva, que estava então em São Paulo, tem a idéia de fazer um instituto biológico. Ele fez o Instituto Biológico, desenvolveu o Instituto Biológico, e depois veio o Rocha Lima, da Alemanha. Com a Revolução de 30, e o Neiva envolvido em política – ele era interventor da Bahia –, Rocha Lima ocupou definitivamente o lugar de Neiva no Instituto. Apagou o nome de Artur Neiva da direção, por uma questão de competição. Mas o fato é que o Instituto Biológico, durante o tempo do Rocha Lima, continuou produzindo, e produzindo trabalhos de primeira categoria. Lá estavam Otto Bier, Maurício Rocha e Silva, Paulo Galvão, ou seja, toda uma equipe que depois se espalhou, mas cuja origem é o Instituto Biológico de São Paulo. Daí surgiram os maiores resultados científicos, partindo de Neiva e de Rocha Lima. E hoje o Instituto Biológico, pelo menos eu creio, é uma instituição sem a menor significação científica. Talvez eu esteja falando uma heresia, talvez tenha um trabalho lá, de rotina, ligado a pesquisas agronômicas, ou a veterinária, a agronomia. Mas acho que são trabalhos voltados puramente para uma ciência aplicada, aplicação de uma tecnologia? O fato é que o Instituto não tem absolutamente mais nada daquilo que foi.

M.C.M. – Voltando à questão da química, o senhor acha que há algum tipo de hierarquia entre especialidades na comunidade científica? Haveria especialidades que têm mais prestígio e outras que têm menos?

- T.F. – Mais poder de atração, talvez...?
- M.V.D. – Em termos de maior poder de atração eu citaria a microbiologia, que está mais ligada ao problema prático da doença.
- T.F. – Esse seria um campo atrativo?
- M.V.D. – Acho que sim. E mesmo para o grande público. Veja que todo mundo, quando se falava em Manguinhos, dizia logo: – “Você trabalha com micróbios”. Havia – e talvez ainda haja – aquela idéia de que Manguinhos era uma instituição toda voltada para o estudo de microbiologia. Acho que realmente a microbiologia teria tudo para poder desenvolver-se.
- M.C.M. – O senhor acha que esse modelo se repete, ou seja, o modelo é o mesmo para o grande público?
- M.V.D. – Sim. Acho que para o político, para o administrador...
- M.C.M. – Não, eu pergunto entre os próprios cientistas.
- M.V.D. – Entre os próprios cientistas, de um lado há a sofisticação da técnica – e também, obviamente, do resultado – e, de outro, mais experimentação do que propriamente trabalho. Quanto a trabalho puramente morfológico, eu via lá em Manguinhos que nós mesmos olhávamos para toda aquela parte do grande desenvolvimento da taxionomia de vermes, de insetos, com certo desdém. Éramos muito bons amigos e a gente dizia: – “Por quê você não faz experimentação disso?”
- M.C.M. – E a química estaria dentro dessa...?
- M.V.D. – Não. A química seria uma ciência fundamental nisso.
- T.F. – Naquela época, como é que era o prestígio? É realmente estranho que se fale que

talvez tenha faltado um Wataghin na química; em São Paulo se trouxe o (?), se trouxe o (?). Talvez esses dois pudessem ser os Wataghin...

M.V.D. – Exato.

T.F. – O senhor não acha que talvez, para a própria comunidade científica, a máquina não tivesse – por alguma razão que nós ignoramos – atrativos maiores, que pudessem dar um *status* científico?

M.V.D. – Sim, mas quando se fala em química vê-se logo toda uma tecnologia, todo um aproveitamento prático, industrial da química. Portanto, seria até mais fácil para o administrador compreender a necessidade da química do que propriamente da física. Porque a física se desenvolveu num setor puramente científico, sem ter necessidade de apelar para uma parte prática, e, no entanto houve certa insensibilidade. É pena que, em relação à química, tenha faltado uma política neste sentido.

T.F. – Isso teria causado o prejuízo no desenvolvimento da própria bioquímica, ou a bioquímica pôde desenvolver-se apesar da falta de uma química mais...?

M.V.D. – Não. A bioquímica se desenvolve. Acho o desenvolvimento da bioquímica atual perfeitamente satisfatório. É verdade que não há uma química que viesse auxiliar essencialmente, por exemplo, a farmacologia ou a indústria farmacêutica – para só falar em dois pontos, não estou falando de todo um outro ponto de vista, vamos dizer, de síntese de plásticos ou de petroquímica. Especificamente em relação à indústria farmacêutica, a gente vê que a indústria farmacêutica simplesmente não exista no Brasil. Em primeiro lugar, pela falta de capacidade de pesquisadores que possam sintetizar produtos novos e sair por uma trilha.

T.F. – A pergunta pode parecer um pouco abstrata, mas acho que, para efeito da nossa pesquisa, é uma pergunta fundamental: Como o senhor forma os seus alunos?

M.V.D. – Alunos?

T.F. – Os seus discípulos.

M.V.D. – Bom, é óbvio que a pessoa só sabe aquilo que faz. O ensino que dou na faculdade é um ensino de informação. É necessário, mas é um ensino que vai ser aplicado depois na parte de clínica. Mas o que acho fundamental para a formação de todo pesquisador é a vida no laboratório. Quando entrei no laboratório de Miguel Osório, ele logo me deu um assunto para trabalhar, e a vida lá se fazia trabalhando. Quem vinha trabalhar comigo, ou quem vem, começa logo num assunto, começa a trabalhar. A formação do indivíduo é realmente isso. Lembro-me que quando comecei a trabalhar com o Miguel ele me deu logo um assunto de crioepilepsia. Levou-me à biblioteca do Instituto Osvaldo Cruz e me ensinou a utilizar a biblioteca. Me ensinou como fazer e utilizar uma bibliografia, me ensinou que tipos de periódicos se usam como referência... Isso aprendi no primeiro instante. Acho isso fundamental. Daí eu fazer sérias restrições à pós-graduação (vou passar para outro assunto, mas acho que é importante) que nós temos, à qual sempre me refiro como um modelo norte-americano. Acho que esse tipo de pós-graduação está totalmente saturado de um processo puramente colegial e de aulas. Aulas, provas, isso satura o aluno. De fato esse método é às vezes mais cômodo para o professor, que dá umas poucas aulas e manda o aluno estudar uma literatura enorme. Mas o aluno fica perdendo tempo num estudo sem maior significação acadêmica. Acho que a pós-graduação pode ter importância quando se trata de um indivíduo que já se formou e que tenha interesse em se desenvolver numa ciência básica, biológica. Se ele veio de um lugar onde essa especialidade não é desenvolvida, e portanto ele não trouxe base, acho válido que vá buscar base num desses cursos de pós-graduação. Mas, para se formar um indivíduo, tem que se formar no laboratório. Acho que desde o primeiro momento o jovem deve estar no laboratório trabalhando em experimentação. E para todas as dificuldades que for encontrando ele vai procurando a resposta. Vamos dizer, se precisa de estatística ou de matemática mais desenvolvida, ou uma parte de física ou química, então deve buscar um determinado curso para suprir a sua falta, como creio que é o modelo europeu – o inglês e o francês. Na Inglaterra, pelo menos no tempo em que trabalhei lá, o indivíduo que ia fazer um trabalho, que serviria para uma tese de doutoramento, começava a trabalhar no laboratório imediatamente. Durante os dois

ou três anos que levava para fazer esse trabalho que ia servir de tese, e que dava lugar a vários trabalhos antes de ser defendido como tese, o indivíduo passava no laboratório. Isso sim, isso eu acho fundamental. O pesquisador se forma pesquisando. Nesse ponto acho que é uma perda de tempo, um desgaste incrível seguir esse modelo estritamente colegial de créditos e mais créditos. Então pergunta talvez fosse essa: – O que é fundamental ao indivíduo? – O laboratório. Tenho pena de tanta gente que está no meu departamento – e eu procuro ter no meu departamento o máximo de pessoas que tenham pós-graduação – que tem que fazer essa *via crucis* de perder um ano, um ano e meio às vezes, puramente em créditos.

T.F. – Isso significa que, quando alguns cientistas ligados ao CNPq introduziram esse estilo de pós-graduação norte-americano, no fundo criaram, ao mesmo tempo, obstáculos à formação de bons pesquisadores?

M.V.D. – Acho que sim. Ou pelo menos estão perdendo tempo. Acho que o modelo atual é válido para certos casos, por exemplo quando o indivíduo precisa de certo aperfeiçoamento, como alguém que venha de uma universidade menos dotada e que precisa ter, fora de seu ensino básico de graduação, algo mais para nivelar-se com quem está num centro maior. Nisso eu acredito. Mas, tomar jovens do Rio, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e colocá-los imediatamente num sistema desses, eu não concordo. Simplesmente não concordo.

M.C.M. – O senhor tem alguma informação sobre a graduação?

M.V.D. – O ensino universitário a nível sobre a graduação?

M.C.M. – Sim. Existe uma diferença de qualidade muito nítida entre o aluno que vem do Rio e de São Paulo e o aluno dos outros centros. No entanto, a gente tem ouvido muitas queixas a respeito desses mesmos alunos do Rio e de São Paulo.

M.V.D. – Todo o ensino de graduação está hoje prejudicado pela massificação. O número de estudantes é tal, que o ensino sempre deixa a desejar. Isso ocorre mesmo em

universidades como as de São Paulo e Ribeirão Preto, que tinham um pequeno número de alunos. Não sei bem, mas creio que Ribeirão Preto ainda mantém um bom nível de graduação, mas no Rio, na área do Grande Rio, é lastimável.

M.C.M. – Diante dessas condições concretas, poder-se-ia aplicar esse modelo de pós-graduação que o senhor está propondo, sem uma reciclagem, sem um período, digamos, quase que de substituição desse curso mal feito?

M.V.D. – Desde que o indivíduo se interessa por pesquisa e procure um laboratório, deve-se dar, imediatamente, algo para ele fazer. Algo extremamente simples, dentro da capacidade dele, seja ele estudante ou já formado. Este é o primeiro passo. Obviamente, o indivíduo pode estar acompanhado a pesquisa, mas isso de acompanhar a pesquisa... não sei. Com Miguel Osório e com Moussatché – e de modo geral em Manguinhos –, quando o sujeito entrava no laboratório ele já tinha logo uma coisa para fazer. Muito simples, mas tinha. Ele entrava e já estava trabalhando. A meu ver, em ciência, ou pelo menos na parte de biologia, a formação é essa. É fazer o indivíduo trabalhar logo. E enquanto está trabalhando, com mais facilidade ou menos facilidade – mais facilidade de acordo com o preparo dele –, ele vai-se ajustando gradativamente ao nível do laboratório. O caminho pode ser às vezes de duração diferente, quando o indivíduo não procure... Veja, por exemplo, lá no Chagas, que é ótimo. Muitas vezes os alunos são pessoas que já trabalham, e quando se graduam já estão trabalhando muito bem. O nível de trabalho no laboratório de pesquisa é excelente. Por exemplo, o filho do Herman Lent, Roberto Lent, tem um nível de trabalho muito bom.

Mas, voltando à sua pergunta, acho que no laboratório o indivíduo realmente aprende fazendo. Obviamente ele pode pegar físico-química ou matemática e estudar. E é preciso que estude, faça algumas práticas, mas estude paralelamente. Agora, ficar marcando passo um ano, um ano e meio, como eu vejo, o indivíduo não fazendo nada senão aquele estudo acadêmico, formal...

T.F. – ... livresco?

M.V.D. – Exato. Acho horrível.

M.C.M. – O senhor acredita que a adoção desse modelo foi a partir de quê?

M.V.D. – Não sei. Quando vi a biofísica surgir com esse modelo, levei um pouco de susto, porque conheci o Chagas de outro modo. Francamente, não sei bem qual foi a motivação. Tenho a impressão – obviamente é pura impressão minha – de que Chagas se ajustou ao modelo indicado pelo Ministério da Educação. Acho que o sistema dos reitores... Nem falo de modelo norte-americano, pois todo esse sistema atual de créditos vem em grande parte de Houston. O modelo é de Houston, já que a Universidade do Texas levava magotes de pessoas lá para ver como se fazia, não só pós-graduação mas o próprio ensino de graduação.

T.F. – Como é que, principalmente nos E.U.A. nesse caso, se formam bons pesquisadores, apesar desse sistema? O senhor tem alguma vivência em relação a isso?

M.V.D. – Acho que talvez seja uma formação... Continuo dizendo que prefiro o modelo inglês ou francês. Creio que também, pelo modelo alemão, antigamente, o indivíduo entrava para o laboratório e começava a trabalhar. Quando ele tinha um trabalho bom, apresentava-o à comissão e fazia o doutorado.

T.F. – Já que estamos um pouco no âmbito institucional, quer dizer, tipo de universidade, de mestrado, de pós-graduação, como é que o senhor situa o papel do CNPq de acordo com sua experiência? Como é que foi o impacto do CNPq quando ele foi criado?

M.V.D. – Acho que o CNPq foi fundamental. Ele veio preencher uma lacuna da falta mesmo de um ministério... Era uma instituição que não só procurou como conseguiu atender a muitos trabalhos de pesquisa.

T.F. – O senhor obteve imediatamente recursos do CNPq?

M.V.D. – Obtive. Quando procurei, obtive. Miguel Osório tinha uma tendência pessoal de

não... era seu feitiço. Ele achava que a instituição deveria dar logo o recurso. Eu me pergunto se nessa política do CNPq não faltou às vezes algo mais especificamente orientado no sentido, por exemplo, da química. Creio que o CNPq ficou muito numa situação de atender o que já havia.

M.C.M. – Em termos de o CNPq ter estimulado o cientista individual e não a universidade ou os institutos, o senhor acha que isso era uma política...?

M.V.D. – Isso eu acho muito bom. O CNPq faz muito bem em procurar o indivíduo e não propriamente a instituição. Acho que é uma boa política o CNPq auxiliar diretamente aquele indivíduo que demonstra capacidade, que já tenha produzido trabalhos.

M.C.M. – Sempre há essa história do diretor que protegia tal grupo contra aquele, etc. Então, para não ter que enfrentar e corrigir esse tipo de problema, o CNPq passou a auxiliar diretamente os pesquisadores. Partindo disso, para mim não ficou muito claro se essa foi uma política adotada em função da política interna dos institutos, das universidades, enfim: foi uma solução casuística ou essa política existe em outros lugares?

M.V.D. – Francamente, não sei lhe dizer. Mas acho que para os pesquisadores, de um modo geral, o acolhimento é muito bom.

M.C.M. – É mais cômodo assim?

M.V.D. – Sim, é mais cômodo.

M.C.M. – Qual a vantagem que isso traz? Digamos que essa distribuição fosse pelo menos justa dentro da própria instituição, haveria alguma vantagem de o pesquisador obter um financiamento direto, alguma coisa assim?

M.V.D. – Não, devido à dificuldade da instituição de suprir a necessidade do pesquisador. Isso já havia desde há muito tempo em Manguinhos e nas universidades. O

orçamento é pequeno e o laboratório fica então dependendo do diretor. Portanto, se o pesquisador pode ter um auxílio de uma instituição como o Conselho Nacional de Pesquisa, é uma maravilha.

M.C.M. – Mas é isso que eu sempre me pergunto: se se corrigisse o problema das verbas pequenas para os institutos ou para as universidades, o excesso de burocracia e centralização, e se o fato de as pessoas trabalharem mais institucionalmente não seria...

M.V.D. – O fato é que deveria ser, mas não é. Tenho a impressão de que, de um modo geral, a administração, principalmente a administração universitária, freqüentemente cai em mãos de um reitor que não tem, às vezes, formação adequada para compreender um trabalho de pesquisa, principalmente do tipo experimental. Foi o caso da FAFESP em São Paulo (veja que também em São Paulo se procurou criar...). Nesse caso acho que o CNPq... é realmente um organismo formado, o máximo possível, de personalidades científicas, pessoas que trabalham e que vão julgar aquilo.

M.C.M. – O senhor acha que esse modelo continua hoje em dia?

M.V.D. – Não sei. Estou afastado. Acho que o Conselho Nacional de Pesquisa está, hoje, voltando muito mais para certos problemas ditos práticos, mas vejo que há também recursos para muito trabalho científico.

M.C.M. – Acho que uma das queixas ocorrentes é sempre a crescente burocratização que o CNPq está se imprimindo.

M.V.D. – É. Essa burocratização...

M.C.M. – O senhor vê a possibilidade de daqui a pouco o CNPq estar com os mesmos problemas dos quais as pessoas se queixavam antes nas universidades, nos institutos?

M.V.D. – O CNPq mudou bastante. Conheço muito mal a sua atual estruturação. Acompanhei a formação do CNPq inicialmente, com o Álvaro Alberto, e depois com muitos que se seguiram. Até 1964 eu estava bem junto do CNPq, porque eu trabalhava também no IBBD. Fui vice-presidente do IBBD por dez anos e ajudei na sua criação com Doralide (?). Hoje, pensei que tivesse inventado uma frase, mas verifiquei num artigo de Alceu Amoroso Lima que ela já existe. É uma frase relativa à questão da guerra, atribuída por uns a Clemenceau, por outros a (?): “A guerra é importante demais para ser deixada nas mãos dos militares”. Os economistas disseram o mesmo da ciência. Acho que já tinham dito, porque o Tristão, no artigo dele, refere-se a uma frase dessas, que teria aparecido no (?). Realmente, depois de terminada a guerra em 1945, poder-se-ia admitir que o grande mando, o grande poder seria dos cientistas, que tinham fabricado a bomba atômica e tudo mais. Mas verifica-se o contrário. Em todo o mundo os cientistas estão num plano inferior de capacidade de poder, e a tecnologia é essencialmente a organização econômica.

Voltando ao CNPq, nessa fase, pelo menos até essa última reforma, o CNPq era constituído de um Conselho deliberativo, formado de muitos pesquisadores, de muitas pessoas que trabalhavam em pesquisa e que podiam avaliar. Atualmente eu vejo muito trabalho de pesquisa sendo auxiliado pelo CNPq. No meu Departamento mesmo está sendo desenvolvida uma linha de trabalho em torno do estudo do metabolismo do barbeiro, do triatoma, que está sendo muito auxiliada pelo CNPq. Se não fosse o CNPq, a universidade não poderia fazer esse trabalho. Um grupo de pesquisadores está não só dependendo, como está recebendo equipamento do CNPq.

M.C.M. – No entanto, uma das críticas que são sempre feitas é que esse financiamento é meio instável. Ele é feito por um ano ou dois e não se tem a segurança de que vai ser renovado. Agora, uma outra pergunta: o senhor estava falando de os economistas considerarem a ciência como atividade excessivamente séria para ser (?). O senhor acha que é possível, enfim, um planejamento científico?

(Final do Lado B – 2ª Fita)

Fita nº 3

Lado 4

M.V.D. – Acho que o trabalho científico deve ser planejado pelo pessoal de ciência. Isso é fundamental. Consideremos como exemplo um caso mais recente. Suponha que depois da guerra houvesse realmente um trabalho de planificação por uma tecnocracia e que se chegasse para o Watson e o Crick e se dissesse: – “Por que vocês estão trabalhando em ácido nucléico? Essa questão do A.D.N. e do A.R.N. tem a maior influência lá na célula, mas, por favor, vamos trabalhar em coisas mais importantes”. Hoje, no entanto, a gente vê que esse trabalho tem a maior importância nos problemas mais práticos de medicina, em toda a parte de genética, de patologia de câncer... Em Manguinhos, antigamente, uma situação maravilhosa era a liberdade de pesquisa. Podia-se fazer no laboratório realmente o que se quisesse, e havia muita crítica, por exemplo, ao fato de o professor Lauro Travassos estar estudando borboletas no Instituto Oswaldo Cruz. Achava-se que isso realmente não tinha sentido. Dizia-se que, “com tanta coisa séria, lá está o doutor Travassos estudando borboleta!” Mas essa liberdade era uma coisa maravilhosa. Não há a menor dúvida de que hoje em dia, em que esse romantismo, essa idade de ouro passou, a ciência tem que ser planificada. E tem que ser planificada para atender a problemas práticos, ou seja, tem que ser transformada numa tecnologia para atender, por exemplo, no caso da biologia, a problemas imediatos nossos. Mas, é preciso também deixar uma certa margem, uma certa compreensão, para que pesquisas que às vezes pareçam puramente acadêmicas possam desenvolver-se. Isto porque ninguém pode assegurar de antemão quais serão seus resultados. É como um fisiologista norte-americano dizia: “Para que serve uma criança quando nasce? O que vai ser? Ninguém pode predizer, não é?” O mesmo acontece com o dado científico que é obtido no laboratório.

T.F. – O senhor disse que antigamente era esse o ambiente em Manguinhos. Quando terminou essa liberdade de pesquisa?

M.V.D. – Acho que terminou com o próprio Instituto. O Instituto morreu. Agora é outro instituto.

T.F. – Mas essa liberdade não terminou antes?

M.V.D. – Não, não. Ainda se faziam pesquisas. Apesar de toda a pressão dos diretores, porque volta e meia chegava um diretor e dizia: “Não, nós temos que trabalhar agora nos problemas das doenças brasileiras, prestar atenção nas doenças brasileiras, resolver isso”. Não adiantava dizer: – “Eu não sei trabalhar nisso”. Não e podia fazer outra coisa. Obviamente, eu posso desenvolver toda uma linha de trabalho de Farmacologia de esôfago, sempre pensando... não, realmente não pensando em Chagas, porque eu pensava mais era em obter recursos para essa linha de trabalho, para ter de acenar com problemas de megaesôfago. Mas acho que o pesquisador realmente não pode ser um indivíduo que não tenha presentes os grandes problemas. E é preciso também que haja essa compreensão. Acho que essa compreensão deve partir de uma organização científica de tópico, de um colegiado, em que, se existe um pesquisador que diz? “Não, eu prefiro trabalhar assim”, deve haver outro que diga? “Não, acho que deve-se trabalhar assim”.

M.C.M. – Quer dizer que em Manguinhos não havia uma centralização das pessoas nas mãos do diretor?

M.V.D. – Não. E oi diretor dava liberdade absoluta. Isso era até criticado, porque às vezes havia laboratórios que estavam fazendo trabalhos sem a menor relevância, trabalhos de categoria inferior, estava-se perdendo tempo e material. Não havia um policiamento na qualidade do trabalho, e isso é importante. Travassos, por exemplo, fazia um trabalho de primeira classe em borboletas. Mas tinha gente que fazia, em microbiologia, trabalhos de décima classe. E publicavam. E o pior de tudo isso é que publicavam com o nome do Instituto.

M.C.M. – Que mecanismos teria o grupo de cientistas para controlar isso?

M.V.D. – Acho que, como nos outros países, deve haver uma informação prévia sobre a pessoa, como houve. Acho que até aqui se permitiu isso. Havia o Conselho de Pesquisa auxiliando, às vezes, pesquisas que não tinham nenhum imediatismo em

vista.

T.F. – Refiro-me mais à questão da baixa qualidade.

M.V.D. – Isso é impossível evitar, mas acho que, num certo ponto, a solução é cortar recursos, não dar financiamento.

M.C.M. – Se não me engano, Manguinhos funcionava a nível de empresa pública: concurso para entrar e, estando lá dentro, não se era mais demitido, e tudo mais. Devo concluir que cientista é funcionário público?

M.V.D. – Exato. Cientista é funcionário público.

M.C.M. – A possibilidade de ele ser cortado...

T.F. – Isso significaria quase que uma condição já prévia de má qualidade? Porque o tipo de pesquisador era um tipo já...

M.V.D. – Sim. Em Manguinhos – isto é, em certos laboratórios – foi-se verificando progressivamente uma queda do padrão. Também no Instituto Oswaldo Cruz havia trabalhos que eram um péssimo cartão de visita. Mas, voltando a Manguinhos, logo no início Oswaldo começou a publicar as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*. Publicação de primeira categoria, essencialmente voltada para a parasitologia, bacteriologia, urologia e patologia. (Não tinha sentido publicar fisiologia nas *Memórias* do Oswaldo Cruz.) Mas o nível das *Memórias* caiu a tal ponto que, no início de 1950, as bibliotecas começaram a devolvê-las, justificando que estavam com falta de espaço e que o assunto não lhes interessava. Era uma coisa, às vezes, bem pouco delicada. E o Instituto continuava a publicar as *Memórias*, sem nenhuma forma de triagem. Acho que o indivíduo, para publicar numa revista de categoria, tem, em primeiro lugar, de submeter seu trabalho a uma triagem. Para ser publicado, o trabalho tem que ser de categoria.

T.F. – E como é isso no exterior? Os institutos têm sua própria revista?

- M.V.D. – Não, não têm revista própria. Mas o instituto ou o departamento policia primeiro a qualidade do seu trabalho, e não deixa sair um trabalho depreciado. Acredito que aqui o Chagas policie o trabalho.
- T.F. – Mas há aí um problema. Se na Europa ou nos E.U.A. normalmente o instituto não tem a sua própria revista, elimina-se esse problema de constrangimento dos colegas de eliminar trabalho de um colega muito próximo. Se você tem uma revista, por exemplo, de microbiologia, mas que é uma revista onde todo mundo publica, e que tenha um corpo de (?) permanente, esse constrangimento é muito menor. Ou seja, em Manguinhos, controlar a qualidade do trabalho significaria que um colega seu teria que dizer: “Seu trabalho é uma porcaria”.
- M.V.D. – Mas, como a direção ficou frouxa, você vê que as *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* estão, infelizmente, cheias de trabalhos da pior categoria. Isto porque bastava que o indivíduo fosse de Manguinhos para que seu trabalho fosse automaticamente publicado.
- M.C.M. – É possível pensar uma instituição científica regida por regras burocráticas?
- M.V.D. – Não. No tempo do Oswaldo o trabalho saía sob o crivo do mestre, do Oswaldo Cruz.
- M.C.M. – Talvez fosse um período ainda heróico, não?
- M.V.D. – Sim. O Chagas não vê todos os trabalhos, mas os chefes de laboratório lá, eles têm um crivo sério. Acho que não sai trabalho de lá que não tenha um determinado nível.
- T.F. – Nesse caso o trabalho sai, mas sai para fora, não é?
- M.V.D. – Sim. Primeiro o trabalho é publicado aqui. Mas se sai com o nome do Instituto, passa por um crivo.

T.F. – Nesse caso haveria então uma dupla...

M.V.D. – Sim. O trabalho passa por dois crivos. Passa pelo crivo do Instituto, quer dizer, do chefe dele, e na revista já é outro esbarro, já é outro grande problema. Se você quer publicar numa revista dessas, boas, é freqüente o trabalho ser devolvido para ser, às vezes, alterado em certos dados que o pessoal exige: maior comprovação nisso, melhor clareza naquilo...

T.F. – O pessoal de Manguinhos publicava fora das *Memórias* do Instituto?

M.V.D. – Sim, com os dois Osórios, eles só publicavam fora.

T.F. – Essa tradição se manteve?

M.V.D. – Muitos laboratórios mantiveram a tradição de publicar fora. Em Manguinhos, o pesquisador procurava sempre colocar os bons trabalhos numa revista estrangeira.

M.C.M. – Voltando à questão da burocracia. Não sei se dá para se fazer um paralelo entre o Chagas e Manguinhos, mas parece-me que uma das tônicas do Chagas é que ele conseguiu manter a burocracia afastada do Instituto de Biofísica. Portanto, esse problema do constrangimento interno não foi um problema vivido por eles, pelo menos até agora. Talvez já comece a surgir esse problema, a partir do crescimento maior e tudo mais. Mas, realmente acho que é uma coisa para ser pensada o fato de Manguinhos ser regido por um regulamento puramente burocrático. Ou seja, você entra por concurso e não pode ser demitido, a não ser por justa causa, e justa causa é um mau trabalho científico. Deve ser uma coisa altamente... Havia uma consciência desse tipo de problema entre os pesquisadores?

M.V.D. – Havia, e dava muita briga, de crítica a crítica. Havia um grupo que sofria críticas extremamente contundentes de um outro grupo, que não merecia maior acato, maior respeito. E isso ficou bem patente, pode ser dito aqui, a partir de 1964, quando ocorreram os três grandes inquéritos militares, um pelo Exército, outro

pela CENIMAR e o outro, parece-me, através do Ministério da Educação. As conclusões eram as seguintes: o que está havendo aqui não é subversão, mas puramente uma questão de ressentimento, de críticas de lado a lado. Isso ficou muito patente.

M.C.M. – E apesar disso houve as demissões?

M.V.D. – Sim. Sobre esse final de Manguinhos, quer dizer, a partir de 1964, não sei se vale a pena falar.

T.F. – Acho que sim.

M.V.D. – Como eu disse anteriormente, Manguinhos já sofreu um declínio acentuado na própria época do Osvaldo. Depois passa por períodos de desenvolvimento, essencialmente na época do Aragão, e no início da época de Olímpio da Fonseca. Passa então por certos altos e baixos e, em junho de 1964, sai o diretor Joaquim Travassos da Rosa, eminente virologista, e entra o doutor Francisco de Paulo Rocha Lagoa. A situação, em 1964, é que existiam laboratórios trabalhando ativamente. Iam mal, mas estavam em plena atividade. O Instituto de Fisiologia estava em atividade, O Moussatché tinha com ele um bom grupo; eu tinha um grupo menor, mas que também trabalhava ativamente; Gilberto Vilela tinha o seu grupo; Travassos ainda era vivo, e estava com a parte de helmintologia; Teixeira de Freitas, Herman Lent – com Hugo Sousa Lopes – também tinham laboratórios. Quer dizer, havia uma boa produção; uma boa atividade de pesquisa. Mas, de todos esses laboratórios, destaco o de Valter Osvaldo Cruz, o segundo filho de Osvaldo. Valter tinha uma série de laboratórios em que desenvolvia uma atividade. Tinha vários pesquisadores trabalhando com ele, um corpo técnico que totalizava umas sessenta pessoas, de primeira categoria, no trabalho ativo. Valter é uma das pessoas que mais me impressionaram. Era um homem de uma cultura muito grande. Conhecía muito bem Shakespeare, foi campeão brasileiro de xadrez durante anos, e inclusive mantinha uma sessão de xadrez publicada em “O Cruzeiro” também durante muitos anos, conhecía muito bem música, tocava órgão, enfim: era uma pessoa de uma polivalência extremamente grande. (A polivalência

está em moda agora, não? No futebol.)

T.F. – Logo onde, não é? Logo onde...

M.V.D. – Mas, retomando, quando conheci Valter ele já era formado e ainda jogava xadrez e tinha esses múltiplos interesses. Mas já trabalhava ativamente no laboratório. Tenho a impressão de que com ele foi-se dando como que um verdadeiro fenômeno de ânsia de trabalho científico. Valter trabalhava num ritmo incrível, e uma tônica de sua personalidade é que ele nunca quis saber das divisões internas de Manguinhos, das brigas, dos conflitos, ele nunca ligou para isso. Realmente Manguinhos teve péssimos diretores que eram alvo, senão de toda, pelo menos de boa parte da crítica, e Valter continuava se dando. Desde que houvesse material para o trabalho dele, ele ia tocando o trabalho sem ter nada com isso. Mas quando entra o doutor Rocha Lagoa, desenha-se uma nova situação. Valter era um homem de esquerda, embora nunca desse possibilidade de discussão de temas políticos a pessoas que não tivessem intimidade com ele. Ele não dava absolutamente chance de discussão. Eu, por exemplo, nunca tive discussão sobre temas de política com ele – e não foi por falta de ocasião, mas porque o interesse era outro. Mas, se o pensamento dele era de uma esquerda política, ele era inteiramente orientado para o trabalho científico em Manguinhos, do momento em que entrava até o momento em que saía. Certamente deve ter ocorrido alguma situação pessoal entre Valter Osvaldo e o Rocha Lagoa, que foi antes secretário de Manguinhos. Valter, quando não ligava para uma pessoa, não ligava mesmo, e até a desconhecia. E, em relação ao Rocha Lagoa, Valter tinha muito boa memória para isso. Um dos laboratórios que mais mereceram a atenção do Rocha Lagoa, e que foi sistematicamente destruído dia a dia, ano a ano, foi o do Valter Osvaldo Cruz. Em dois anos o Valter estava reduzido a uma meia dúzia de pessoas, e Rocha Lagoa cortou todos os auxílios que o Valter recebia da Fundação Ford, da Fundação Rockefeller e do Conselho Britânico. E o Valter veio a morrer – creio que em 1967 – subitamente, do coração, e não é preciso dizer que quem o matou foi...Valter morreu nessa situação de depressão porque procurava protestar e mostrar as enormidades que estavam sendo feitas pelo Rocha Lagoa. Realmente o Rocha Lagoa foi destruindo todos os laboratórios que trabalhavam, como o do Moussatché, o meu próprio

laboratório, o de Herman Lent, tudo isso ele foi reduzindo. Mas, essa situação de Valter é que me merece... Às vezes eu fico pensando... Herman Lent escreveu uma biografia do Valter Cruz, (?) que para mim deveria ser um texto de moral e cívica. Todo estudante de medicina ou todo universitário deveria lê-la. Fala de como uma pessoa que teve tudo na mão pôde, realmente, organizar o seu laboratório científico, e fazendo uma ciência de primeira qualidade. Volto a dizer aquilo que eu disse na primeira entrevista: Valter Osvaldo Cruz teria sido uma das salvações de Manguinhos. Ou Chagas Filho, numa determinada época, ou Valter Cruz, que tinha prestígio, tinha capacidade, e que era um indivíduo de uma inteligência e capacidade extremamente abrangentes. Mas Valter foi destruído e não houve nada que impedisse a sua destruição e de todo o Instituto. Não houve argumento contrário, não houve sensibilidade para o que estava acontecendo, e isso era dito pelo próprio Valter, praticamente aos gritos, na Academia de Ciência: o Conselho de Pesquisa em nada obstou a sua destruição, a do laboratório e a do Instituto.

T.F. – Ele, na época, fazia que tipo de trabalho?

M.V.D. – Era um laboratório ligado essencialmente ao problema de hematologia. Valter estava estudando os fenômenos de hemorragia, de sangramento, ligados a choque. Portanto, poder-se-ia dizer que eram fenômenos muito ligados a patologia, e de fato ele pertencia à divisão de patologia.

M.C.M. – mas ele contou com a solidariedade de boa parte de Manguinhos, não é? Isso aconteceu antes ou depois das cassações?

M.V.D. – Valter morreu antes das cassações. Ele de fato tinha a solidariedade de boa parte, mas tinha a hostilidade de outra grande parte do Instituto. Ele era um indivíduo extremamente...

M.C.M. – ... divisor de águas...?

M.V.D. – Não, de tratamento muito difícil. O Valter era muito duro, coitado! Com o Magarinos Torres, por exemplo. Eu gosto imensamente do doutor Magarinos e

também o respeito muito como cientista. Mas a patologia que Magarinos vinha fazendo em Manguinhos ultimamente era ultrapassada. Numa determinada época, ele fez os melhores trabalhos, mas ultimamente ficou ultrapassado. Quando o Valter foi designado para substituir Magarinos, o laboratório de Magarinos também desapareceu, sumiu. Magarinos não se sentiu bem no laboratório, na divisão dele, e se mudou para o hospital. Muita gente criticou bastante o Valter: – “Você não devia ter feito isso com o velho Magarinos. Magarinos é um indivíduo que conhece muito... O Magarinos sempre também gostou de você. Era um indivíduo que se dava”. Mas o Valter, nesse ponto, era extremamente duro. E dizia: – “Isso não é ciência mais que se faça, e ele não vai fazer mais isso aqui nesta divisão”. O Valter era duro.

T.F. – Sim, mas a dureza dele era a partir de um critério de ciência...

M.V.D. – Sim, de ciência. Valter dizia: – “Como homem, continuo a gostar do Magarinos, mas esse tipo de ciência ele não vai mais fazer aqui. Faça lá onde quiser, mas aqui na divisão onde eu sou chefe ele não vai fazer mais”. Magarinos nunca foi de se queixar, coitado. Ele tinha muito boa paz, o Magarinos. E certamente não foi por causa de Magarinos que Lagoa fez o que fez, porque gente que se dava muito bem com Magarinos, como eu, foi no tropel e foi arrebatada pelo Rocha Lagoa. Mas, voltando à destruição do Valter, isso é também um dos pontos que eu procuro despersonalizar e mostrar que realmente havia em Manguinhos um grande laboratório, e era um laboratório de atualidades. Valter tinha um cintilômetro, tinha substâncias de isótopos, e no Instituto ele era o único que trabalhava com isótopos. Valter morreu, Lagoa trancou seus laboratórios, deixou que boa parte das substâncias químicas se deteriorasse, e devolveu o cintilômetro, que era o único que havia em Manguinhos, e com o qual muita gente queria trabalhar. Rocha Lagoa devolveu o aparelho à Fundação Ford. A Fundação Ford, que é uma instituição que age em todo mundo, disse que nunca, em todo o mundo, aconteceu de uma instituição devolver um aparelho desses dizendo que não precisa.

Agora, você vê, estamos assistindo a esse fim extremamente triste e trágico de Manguinhos, que termina arrasado, e o governo não se motiva, nem o próprio Conselho. Poder-se-ia dizer que havia toda uma situação política, etc., etc. Mas, com toda a situação política, haveria algo a preservar, principalmente porque

Valter, embora pudesse estar marcado pelo pensamento nisso, nunca teve em público nenhuma atitude de política.

M.C.M. – O Rocha Lagoa saiu de Manguinhos para ser ministro da Saúde?

M.V.D. – Exato.

T.F. – É um problema triste, não?

M.V.D. – Um ponto que eu queria abordar um pouco mais é sobre a formação do pesquisador. Acho que outro ponto crítico é o preparo do técnico de laboratório de pesquisa, o auxiliar. Hoje em dia só entra numa cadeira dessas o indivíduo que tem diploma. E para ter esse diploma, para ele fazer um curso, ele precisa já ter ginásio. Ora, uma pessoa que já tem ginásio está com o pé na universidade e não vai ser técnico de laboratório, vai ser um universitário. O que eu vi, em Manguinhos, durante todos aqueles anos, era o aproveitamento de uma condição puramente real, quer dizer, o auxiliar de laboratório era geralmente um indivíduo de origem humilde, que entrava para o laboratório, ali aprendia e tinha depois uma capacidade extremamente fantástica de trabalho. E sem burocracia! Naquela época não se exigia nada. Quando entre o DASP para organizar o quadro dos auxiliares técnicos de Manguinhos, foi um verdadeiro desastre. Quando o DASP passou a exigir prova escrita, um deles, coitado... Eu me lembro ainda de um fato extremamente pitoresco e que deve ser registrado. O Adolfo Lutz teve como um dos seus últimos auxiliares o Joaquim Venâncio. Joaquim Venâncio eu conheci muito anos. Ele era um daqueles produtos dos antigos laboratórios do tempo do Osvaldo. Era um crioulo extremamente forte, e Lutz estudava, nessa época, anfíbios – sapos e rãs. Adolfo Lutz já estava então cego, mas trabalhava assim mesmo, ajudado pelo Joaquim Venâncio. Certa vez, num trabalho de fisiologia, o doutor Miguel Osório precisou de algumas pererecas, e pediu ao Joaquim Venâncio para arranjá-las. Joaquim arranjou umas pererecas de espécies diferentes, e o Miguel, quando estava escrevendo o trabalho, mandou chamar o Joaquim Venâncio e perguntou:

– Joaquim Venâncio, qual é o nome dessas pererecas?

E o Joaquim respondeu:

– Olha, doutor Osório, essa aqui é *ilafilomedusa*, aquela é *ila-albamarginata*, e está é *ilafuscovaria*. Esta vai cair na sinonímia, mas o senhor pode publicar que ela ainda está saindo com esse nome.

E o doutor Miguel: – “*Filomedusa* é com *ph*?”

– Ah, doutor, eu não sei ler nem escrever...

Em 1938, voltei a encontrar Joaquim Venâncio. Ele estava com um alemão, e como eu procurasse falar com ele, ele me fez sinal de que não podia me atender.

Depois veio me procurar e disse:

– Olha, doutor Mário, o senhor me desculpe. Eu não pude lhe atender naquele momento. Mas o senhor viu? Eu estava com um alemão, e aquele alemão veio com uma carta de apresentação do diretor do Museu de História Natural de Berlim para mim...

... E isso em plena época hitleriana! Então se vê: quando cai também a burocracia para entrar esse preparo de técnicos... Eu sei que a Universidade de Belo Horizonte tem uma linha de formação de técnicos de laboratório muito boa, que foi dada pelo Conselho Britânico. Mas aqui, que eu saiba, não há nada.

M.C.M. – Os técnicos de Manguinhos eram formados artesanalmente, junto do pesquisador, não é?

T.F. – Parece que ainda há um dos últimos remanescentes, que é o senhor Cunha, não é?

M.V.D. – Cunha, talvez. Eu tenho um remanescente, o Francisco Gomes. Francisco Gomes tem quase a minha idade. Eu também me formei junto dele lá em Manguinhos. É uma pessoa que conhece extremamente bem o laboratório.

M.C.M. – Como é que está atualmente em Manguinhos essa situação de infraestrutura, empregos, etc...?

M.V.D. – A meu ver, simplesmente não existe.

M.C.M. – Perdeu-se completamente?

M.V.D. – Perdeu-se. Manguinhos tinha uma tradição de muito bons marceneiros, vidreiros, gente que trabalhava com metal...

M.C.M. – Mecânicos também?

M.V.D. – Sim, mecânicos também. Mas isso depois foi desaparecendo, e ultimamente, quando se precisava de um bom técnico, por exemplo em eletrônica, não se tinha mais; um bom vidreiro também não se tinha mais.

T.F. – Tenho uma última pergunta que é sobre o tipo de organização do cientista. Existe uma Sociedade Brasileira, digamos, de Fisiologistas? Ou alguma coisa assim?

M.V.D. – Ela está dentro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

T.F. – Dentro da S.B.P.C.?

M.V.D. – Sim.

T.F. – De maneira já formalizada, ou não?

M.V.D. – Ela está, vamos dizer, acasalada, ou melhor, abrigada pela S.B.P.C.

T.F. – Como a Sociedade Brasileira de Genética?

M.V.D. – Creio que sim. Como também a Sociedade Brasileira de farmacologia.

T.F. – Qual a função desse tipo de organização?

M.V.D. – Para a fisiologia, não tem função alguma.

T.F. – Como assim?

- M.V.D. – Ou se manda apresentar um trabalho na reunião da S.B.P.C., ou então se publica numa revista. Mas publicar numa revista é outro problema, porque hoje isto custa muito dinheiro. Em outros tempos era extremamente simples publicar numa revista francesa, ou norte-americana, ou inglesa, mas hoje os periódicos estão cobrando. Mesmo os periódicos nacionais. A *Academia de Ciência*, uma revista brasileira de biologia, é um caso à parte, mas naquela revista de São Paulo, que aliás não é uma revista de bom nível, mesmo que publicado sob forma de separata, o trabalho tem que ser pago. E o que acontece muito é o pesquisador ter que pagar esse trabalho, porque a instituição não paga. A universidade, que eu saiba, não paga.
- T.F. – Nesse caso, esse grupo não representaria a fisiologia. Não se pode dizer que é um órgão de representação do campo.
- M.V.D. – Exato. É puramente de existência teórica. Talvez faça uma reunião, às vezes anual, mas não...
- T.F. – ... não consegue se afirmar.
- M.V.D. – Não tem espírito de grupo.
- T.F. – Já que o senhor falou na S.B.P.C., qual é, a seu ver, a função da S.B.P.C., e como isso, por exemplo, se relaciona com a função da Academia?
- M.V.D. – Acho que a S.B.P.C. é essencialmente uma entidade de agremiação de pesquisadores ou dos que se interessam por pesquisa. Mas acho que as reuniões estão longas demais, e muito dispersas. Não sei, mas tenho a impressão de que reuniões mais curtas ou por especialidades seriam melhores.
- T.F. – Mas é, de qualquer maneira, uma representação dos cientistas?
- M.V.D. – Ah, sim. A grande representação é ainda a S.B.P.C. É a S.B.P.C. que congrega os pesquisadores.

T.F. – E a Academia, representa quem?

M.V.D. – Os acadêmicos são em pequeno número, mas o que a Academia tem hoje é um orçamento que pode – e o faz muitas vezes – auxiliar a pesquisa. Ela auxilia às vezes uma viagem, às vezes mesmo um equipamento, uma publicação, ou então promove simpósios. Nesse ponto a Academia está agora com uma expressão bem maior, porque ela não faz questão de só auxiliar o pessoal que faz parte, essencialmente, de sua corporação, acadêmicos titulares ou associados.

T.F. – Não sei se o senhor tem ainda algum ponto que gostaria de abordar...

M.V.D. – Não, acho que não...

T.F. – A gente poderia então encerrar aqui?

M.D.V. – Acho que o essencial eu já disse.

T.F. – Agradecemos, antes de mais nada. Não sei se o senhor teria mais alguma observação... Gostaríamos de contar, eventualmente, com a sua ajuda no futuro.

M.V.D. – No que eu puder, conte comigo. Aqui mesmo, tenho vontade de talvez ingressar num plano desses, de trabalho da história da ciência, que me interessa.

FIM DA ENTREVISTA